

CÁTIA ISABEL VIRIATO ALCOBIA

**COMPETÊNCIAS SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA:
ESTILOS DE VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO**

Orientadora: Joana Brites Rosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

Ano 2013

CÁTIA ISABEL VIRIATO ALCOBIA

**COMPETÊNCIAS SOCIAIS NA ADOLESCÊNCIA:
ESTILOS DE VINCULAÇÃO E TEMPERAMENTO**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia no Curso de Mestrado em Psicologia, Aconselhamento e Psicoterapia conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof.^a Doutora Joana Brites Rosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa
Ano 2013

Epígrafe

Agir, eis a inteligência verdadeira. Serrei
o que quiser. Mas tenho que querer o que
for. O êxito está em ter êxito, e não em ter
condições de êxito. Condições de palácio
têm qualquer terra larga, mas onde
estará o palácio se não o fizerem ali?

Fernando Pessoa

Dedicatória

Dedico esta dissertação a duas pessoas especiais, que sempre acreditaram e apostaram em mim, proporcionando-me uma base segura para explorar o Mundo – OS MEUS PAIS!

Agradecimentos

Aos meus pais, por acreditarem sempre, que eu seria capaz e por me terem transmitido esse otimismo e confiança. Mas agradeço essencialmente, tudo o que me transmitiram até hoje. O vosso amor, os vossos valores fazem de mim uma melhor pessoa. Obrigada!

À minha família por todo apoio, especialmente, aqueles que estiverem lá quando mais precisei!

À minha orientadora, a Professora Joana Brites Rosa pela disponibilidade, para além do que estava definido, pelos conselhos na elaboração desta dissertação, pela compreensão, paciência e transmissão de conhecimentos ao longo destes anos.

Aos Diretores/as, Subdiretores/as, Diretores de Turma e restantes Professores dos Agrupamentos de Escolas onde foi recolhida a amostra, muito obrigada pela receptividade e colaboração.

À minha equipa de trabalho, a Equipa Mediação Intercultural em Serviços Públicos de Loures, à minha coordenadora Dr.^a Natividade Alves e aos meus colegas Dr.^a Hermínia Fernandes e Dr. Raul Cunha. É um privilégio trabalhar ao vosso lado!

Aos meus amigos, por compreenderem a minha ausência, num período em que as funções académicas e profissionais são mais que muitas. Obrigada por estarem sempre lá. São poucos, mas verdadeiros amigos, uma segunda família.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu conseguisse chegar aqui.

Resumo

Na adolescência é fundamental reforçar as competências sociais para prevenir doenças mentais. Sabe-se que as competências sociais são influenciadas pelos estilos de vinculação e pelo temperamento. Foi o objectivo deste estudo verificar a relação existente entre os estilos de vinculação, o temperamento e as competências sociais na adolescência. A amostra foi composta por 244 adolescentes, com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos, 137 do sexo feminino e 107 do sexo masculino. Os participantes preencheram um protocolo de avaliação composto pela MESSY – Matson Evaluation of Social Skills, IVIA – Inventário sobre a Vinculação na Infância e Adolescência e EAS- Escala do Temperamento. Os principais resultados indicaram que os estilos de vinculação segura se relacionam negativamente com os défices nas competências sociais e os estilos de vinculação inseguros positivamente, o temperamento influencia as competências, os estilos de vinculação relacionam-se moderadamente com determinadas dimensões do temperamento.

Palavras-chave: Adolescência; Vinculação, Temperamento; Competências Sociais

Abstract

Adolescence is essential to strengthen the social skills to prevent mental illness. It is known that social skills are influenced by the styles of attachment and temperament. The aim of this study was to verify the relationship between the attachment styles, temperament and social competence in adolescence. The sample consisted of 244 adolescents, aged between 10 and 18 years, 137 female and 107 male. Participants completed an assessment protocol consisting of the MESSY - Matson Evaluation of Social Skills, IVIA - Inventory Attachment in Childhood and Adolescence and the EAS Temperament Scale. Results indicated that secure attachment styles are negatively related deficits in social skills and insecure attachment styles of positively, temperament influence skills, styles of attachment relate moderately with certain dimensions of temperament.

Keywords: Adolescence; Attachment; Temperament; Social Skills

Abreviaturas e Símbolos

OMS – Organização Mundial da Saúde

WHO – World Health Organization

MESSY – Matson Evaluation of Social Skills

IVIA - Inventário sobre a Vinculação na Infância e Adolescência

EAS – Emocionalidade, Atividade e Sociabilidade - Escala do Temperamento

C. Antissocial – Comportamento Antissocial

CS- Competências Sociais

Índice

Introdução.....	12
Capítulo I – Enquadramento Teórico	15
1.1.Adolescência	16
1.2.Competências Sociais na Adolescência	18
1.2.1.Treino de Competências Sociais.....	20
1.3.Vinculação.....	21
1.3.1. Estilos de Vinculação.....	23
1.3.2. Vinculação na adolescência	25
1.4.Temperamento.....	25
1.4.1.Dimensões do Temperamento	26
1.5.Relacionamento entre variáveis	27
Capítulo II – Objetivos e Metodologia	30
2.1. Objetivos e Hipóteses.....	31
2.2. Participantes	31
2.3. Medidas	34
2.3.1. Questionário de dados sociodemográficos.....	34
2.3.2. <i>Escala MESSY - Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters</i>	34
2.3.3. <i>Inventário sobre a Vinculação na Infância e Adolescência -IVIA</i>	35
2.3.4. <i>Escala de Temperamento – EAS - Versão de Autoavaliação</i>	36
2.4. Procedimento	36
Capítulo III –Resultados e Discussão	38
3.1. Resultados	39
3.1.1. Correlações entre as dimensões.....	39
3.1.2. Variáveis por sexo	42
3.1.3. Variáveis por faixas etárias	44
3.1.4. Variáveis por ano de escolaridade.....	46
3.1.5. Variáveis - existência ou não de irmãos.....	48
3.1.6. Variável quem vive com os pais.....	49
3.1.7. Variável quem vive com a mãe	51
3.1.8. Variável quem vive com o pai.....	53
3.1.9. Variável estabilidade do agregado familiar.....	54
3.2. Discussão dos Resultados	57
Conclusão	61
Bibliografia.....	64

ANEXOS.....	I
-------------	---

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Dados Demográficos da Amostra.....	33
Tabela 2 - <i>Correlações entre Estilos de Vinculação e Temperamento</i>	39
Tabela 3 - <i>Correlações entre os Estilos de Vinculação e as Competências Sociais.....</i>	40
Tabela 4 – Correlações entre o Temperamento e Competências Sociais	41
Tabela 5 – <i>Competências Sociais consoante o Sexo</i>	42
Tabela 6 – <i>Estilos de Vinculação consoante o Sexo</i>	43
Tabela 7 – <i>Temperamento consoante o Sexo</i>	43
Tabela 8 – <i>Competências sociais consoante as faixas etárias.....</i>	44
Tabela 9 - <i>Estilos de Vinculação consoante as faixas etárias</i>	45
Tabela 10 – <i>Temperamento consoante as faixas etárias.....</i>	45
Tabela 11 – <i>Competências Sociais consoante o ciclo de ensino.....</i>	46
Tabela 12 – <i>Estilos de Vinculação consoante o ciclo de ensino</i>	47
Tabela 13 – <i>Temperamento consoante o ciclo de ensino.....</i>	47
Tabela 14 - <i>Competências Sociais perante a existência de irmãos</i>	48
Tabela 15 - <i>Estilos de Vinculação perante a existência de irmãos.....</i>	48
Tabela 16- <i>Temperamento perante a existência de irmãos.....</i>	49
Tabela 17- <i>Competências Sociais e viver com os pais.....</i>	50
Tabela 18 - <i>Estilos de Vinculação e viver com os pais</i>	50
Tabela 19 – <i>Temperamento e viver com os pais</i>	51
Tabela 20 - <i>Competências Sociais e viver com a mãe</i>	51
Tabela 21 - <i>Estilos de Vinculação e viver com a mãe</i>	52
Tabela 22 - <i>Temperamento e viver com a mãe.....</i>	52
Tabela 23 - <i>Competências Sociais e viver com o pai</i>	53
Tabela 24 – <i>Estilos de Vinculação e viver com o pai.....</i>	53
Tabela 25 – <i>Temperamento e viver com o pai.....</i>	54
Tabela 26 – <i>Competências Sociais e Estabilidade do Agregado</i>	55
Tabela 27 – <i>Estilos de Vinculação e Estabilidade do Agregado</i>	55
Tabela 28 – <i>Temperamento e Estabilidade do Agregado</i>	56

Introdução

A adolescência tem sido descrita como uma etapa do desenvolvimento, pautada por um conjunto de transformações físicas, psicológicas, socioculturais e cognitivas (Sampaio , 2010; Crosby, Santelli, & DiClemente , 2009; Bénony, 2005, Eccles, et al., 1993). Todas as transformações referidas, fazem desta etapa do desenvolvimento um período vulnerável, de risco (Eccles, et al., 1993). O desenvolvimento social assume um papel de destaque, pois progressivamente as relações do adolescente deixam de ser essencialmente no seu meio familiar, passam a centrar-se no universo social nas relações com os seus pares de idade. Os adolescentes saem do ciclo familiar para as experiências sociais (Thornburg , 2001).

A adolescência é uma etapa na qual é exigida ao adolescente uma adaptação interna e externa (Horta, 2005). A Organização Mundial da Saúde refere que é essencial reforçar as competências sociais neste período, de modo a prevenir o surgimento de doenças mentais (WHO, 2013). Carvalho (2007) refere que as primeiras relações estabelecidas influenciam as restantes relações que se estabelecem ao longo da vida, assim como a formação do modelo identificador e das expectativas em relações aos outros. Isto significa, que as relações sociais estabelecidas pelo adolescente são influenciadas pelas relações que estabeleceu no seu ciclo familiar. Beauchamp & Anderson (2010) num modelo integrativo do desenvolvimento das competências sociais, referem que estas são influenciadas por factores externos, por exemplo pela vinculação. Bem como por factores internos, tais como o temperamento.

O presente estudo tem com objectivo verificar a relação existente entre os estilos de vinculação, o temperamento e as competências sociais na adolescência. Obedece a uma metodologia transversal, correlacional e comparativa.

Considera-se pertinente a identificação dos défices no desenvolvimento das competências sociais, pois pode contribuir para uma intervenção psicoterapêutica apropriada, evitando alterações de comportamento na idade adulta. É, ainda, fundamental verificar a relação destes défices com as relações anteriormente estabelecidas, ou seja, as relações de vinculação. Assim como os factores intrínsecos ou adolescente, o temperamento.

Na elaboração da presente dissertação serão utilizadas as “*Normas para apresentação de teses e dissertações na ULHT*”, tendo em conta as normas da APA.

A dissertação foi organizada em quatro capítulos, os quais se descrevem de seguida.

O primeiro capítulo corresponde ao Enquadramento Teórico, apresenta-se uma revisão da literatura acerca da adolescência, das competências sociais na adolescência, da

vinculação, do temperamento. Termina com um título, onde são enquadrados as três temáticas em estudo, competências sociais, estilos de vinculação e temperamento.

No segundo capítulo, Objetivos e Metodologia, engloba os objetivos e as hipóteses do estudo, a caracterização dos participantes, a descrição das medidas utilizadas e o procedimento.

O terceiro capítulo refere-se aos Resultados e Discussão, como o nome indica neste capítulo são apresentados todos os resultados obtidos e são discutidos.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1.1. Adolescência

A adolescência, em latim *adolescere* - crescer, corresponde a um período de desenvolvimento que surge após a infância e antecede a fase adulta. É uma etapa do desenvolvimento pautada por um conjunto de transformações físicas, psicológicas, socioculturais e cognitivas (Crosby, Santelli, & DiClemente, 2009). O ritmo a que sucedem faz da adolescência um foco de estudo do desenvolvimento humano (Eccles, et al., 1993). Este estudo não pode ser considerado isoladamente, uma vez que o desenvolvimento ocorre de forma contínua, estando a adolescência relacionada com as outras fases de desenvolvimento - a infância e a vida adulta (Johnson, Crosnoe, & Elder, 2011).

De acordo com Delaroche (2006) o conceito de adolescência pode ser definido como um conceito psicológico, fisiológico, de uma crise psíquica e sociológico. As mudanças fisiológicas relacionadas com o desenvolvimento pubertário desencadeiam uma crise psíquica na criança, sendo esta reconhecida socialmente.

Ao nível da psicologia do desenvolvimento, a explicação dos processos de desenvolvimento que ocorrem na adolescência centra-se nos seguintes modelos teóricos: 1) o psicanalítico que presupo que as condutas do adolescente são originadas pelos seus pensamentos, sentimentos e desejos; sendo processos inconscientes; com origem em forças internas de natureza psíquica opostas, denunciando a presença de conflitos intrapsíquicos; 2) o comportamentalista ou behaviorista segundo o qual os comportamentos resultam de um processo de aprendizagem e as respostas emocionais estão relacionadas com os estímulos ambientais; 3) o cognitivista que valoriza o papel do pensamento e da memória na constituição da personalidade, ou seja, maximiza a racionalidade e minimiza os aspectos emocionais, motivacionais e inconscientes; 4) o dos traços de personalidade considerado um modelo descritivo, baseia-se no princípio que a personalidade é composta por traços que representam tendências emocionais, cognitivas e comportamentais e o 5) o interaccionista ou ecológico considera a interação entre o indivíduo e o meio, presupo a evolução do adolescente nos diferentes contextos a que pertence (familiar, escolar, entre outros) (Bénony, 2005).

A Organização Mundial da Saúde, OMS, (2013) delimita a adolescência entre os 10 e os 19 anos de idade, referindo que é o início da puberdade que dita a passagem da infância para a adolescência. Contudo, esta organização alerta para o facto desta demarcação cronológica não ser estanque, pode variar ao longo do tempo, consoante as culturas e as

situações económicas, embora as mudanças biológicas da adolescência tenham um carácter universal. Ao longo dos séculos tem-se verificado várias modificações. Consta-se um início cada vez mais precoce da puberdade, assim como uma mudança de atitudes e comportamentos sexuais (WHO, 2013). Observa-se igualmente uma maior dependência dos adolescentes em relação aos seus pais, por questões académicas, aumento da duração dos estudos, e socioeconómicas (Bénony, 2005).

Diversos autores percecionam a adolescência como um processo, no qual é possível distinguir três fases, tendo em consideração as transformações, atitudes e comportamentos típicos deste estágio de desenvolvimento. No entanto, importa referir que as transformações, atitudes e comportamentos das três fases não devem ser generalizadas a todos os adolescentes, pois a apresentação de determinadas características depende da individualidade de cada adolescente. Apresenta-se em seguida as três fases da adolescência de acordo com Sampaio (2010):

A 1ª fase – entre os 12 e os 14 anos – é caracterizada por modificações físicas, de atitude e comportamento. Dá-se uma diminuição da participação do adolescente no ciclo familiar, em prol de uma tendência e gosto em estar só. Nesta primeira fase, o jovem começa a adaptar-se às mudanças corporais, a gerir as suas fantasias e impulsos, desenvolvendo uma sexualidade intimista.

A 2ª fase – entre os 14 e os 16 anos – é caracterizada essencialmente pelo término nas alterações corporais. Verifica-se, também, a capacidade para tomar decisões de forma mais realista, constata-se uma maior associação com o grupo de pares. Progressivamente, os adolescentes ganham cada vez mais autonomia e as manifestações da sexualidade são mais exteriorizadas. Os conceitos de auto-estima e auto-conceito tem um papel relevante, sendo considerados decisivos na adesão ou não a comportamentos de risco.

A 3ª e última fase – entre os 17 e os 19 anos – é caracterizada por uma consolidação de interesses (por exemplo: académicos, culturais e desportivos). No campo socioafectivo, analisa-se o estabilização de laços afectivos-sexuais e sociais. Existe igualmente, uma maior definição do *self* e identificação com um grupo de pertença. Pataki (2009 cit. in Sampaio 2010) refere que nesta fase o jovem desenvolve novas capacidades cognitivas e altera as suas relações com os pais e amigos.

Face ao exposto, conclui-se que a adolescência corresponde a uma passagem da dependência parental à autonomia. Nesta transição, o adolescente tem que gerir um conjunto de

transformações, pubertárias, cognitivas, afectivas e sociais, de modo a construir a sua identidade e o seu futuro (Bénony, 2005). É fundamental que o jovem consiga gerir a sua inserção no universo social, desenvolvendo as suas competências sociais. Para que dentro deste universo, encontre as suas amizades, romances, o seu emprego e posição social (Crosby, Santelli, & DiClemente, 2009).

A importância do desenvolvimento das competências sociais na adolescência está directamente relacionada com a Saúde Mental. De acordo com a OMS o reforço das competências sociais é essencial para a resolução de problemas sociais e de auto-confiança, que por sua vez previnem o aparecimento de perturbações de comportamento, ansiedade, depressão, distúrbios alimentares e outros comportamentos de risco, tais como os sexuais, abuso de substâncias e comportamentos agressivos (WHO, 2013).

1.2. Competências Sociais na Adolescência

A temática das competências sociais nas crianças e adolescentes é uma área de investigação bastante complexa e ampla (Trianes, et al., 2002), que tem vindo a ser estudada ao longo dos últimos anos, existindo diversas definições do conceito.

Em 1976 McFall (Silva, 2004) referiu que o termo competência social estava relacionado com um défice de comportamento. Na medida em que se verificava a ausência de um comportamento específico, ou, o comportamento efetuado pelo individuo não tinha atingido o seu objetivo, e consequentemente não tinha alcançado um certo índice de competência. De com este autor, o termo competência social é avaliativo.

Seguindo a mesma perspectiva, Dell Prette & Dell Prette (2001 cit in. Dell Prette & Dell Prette, 2011) caracterizam a competência social como um construto avaliativo de um comportamento ou conjunto de comportamentos bem-sucedidos, em determinado contexto social. O comportamento só pode ser considerado bem-sucedido se cumprir: o objectivo; se a auto-estima e a qualidade de relação dos interveniente se mantiver ou aumentar; se existir um equilíbrio entre os ganhos perdas dos mesmos e se os direitos humanos básicos forem respeitados (2001 cit in. Dell Prette & Dell Prette, 2011).

Na literatura, os conceitos de competência social «social competence» e habilidades sociais «social skills» são considerados frequentemente sinónimos. Contudo, estes conceitos são distintos. Como foi supramencionado o primeiro tem um carácter avaliativo, enquanto que o segundo, tal como refere Dell Prette e Dell Prette, tem uma natureza descritiva, engloba os

comportamentos verbais e não-verbais necessários às competências sociais (1999, Bandeira, Costa, Dell Prette, Dell Prette, & Gerk-Carneiro, 2000).

No que respeita às abordagens teóricas ao desenvolvimento das competências sociais, destaca-se o modelo SOCIAL. Este foi desenvolvido por Beauchamp & Anderson (2010) tendo por base uma perspectiva biopsicosocial. Segundo este modelo, a função social e as competências sociais são resultado da influência do desenvolvimento normal do cérebro e de factores internos e externos, nas funções cognitivas - atenção-executiva, comunicação e socio-emocionalidade.

Os factores internos, como próprio nome indica, são intrínsecos ao indivíduo e englobam o temperamento, a personalidade e os atributos físicos dos sujeitos. Os factores externos ou ambientais, realçam a importância do ambiente em que o indivíduo está inserido para o seu desenvolvimento. O ambiente familiar, por exemplo a relação estabelecida com os progenitores, o estilo de vinculação, a cultura de pertença, assim como o estatuto sócio-económico são os factores externos (Beauchamp & Anderson, 2010) os quais poderão influenciar o desenvolvimento socialmente competente do adolescente. A relação com os progenitores está associada ao desenvolvimento social saudável dos adolescentes, as relações com os irmãos, avós e outros membros da família poderá igualmente influenciar o desenvolvimento social dos jovens (Hair, Jager, & Garrett, 2002). Estes autores assinalam que a existência irmãos, poderá proporcionar a oportunidade de desenvolver as habilidades sociais.

Os adolescentes que apresentem défices nas competências sociais poderão desenvolver comportamentos pouco saudáveis, podendo manifestar comportamentos agressivos, hostis, níveis elevados de solidão, ansiedade social, comportamentos aditivos, entre outros (Beauchamp & Anderson, 2010; Remédios, 2010; Wagner & Oliveira, 2007;). Em seguida, abordam-se alguns desses comportamentos que estão presentes na fase de desenvolvimento em estudo.

A agressividade é um comportamento próprio do ser humano, logo poderão ocorrer comportamentos agressivos na fase da adolescência. Contudo, a sua exibição de forma intensa e frequente poderá desencadear consequências desfavoráveis a curto, médio e longo prazo (Barros & Silva, 2006). Podendo estar associado a uma patologia psiquiátrica.

Tal como a agressividade, a ansiedade também é normal até um determinado grau na espécie humana. Esta afirmação é corroborada por Silva (2004), que considera a ansiedade

normal na adolescência, desde que seja transitória e não impeditiva de bom funcionamento do adolescente. É fundamental que nesta fase o adolescente consiga resolver a sua ansiedade, consiga geri-la para o seu normal desenvolvimento.

A solidão é bastante frequente na adolescência, mais do que em outras fases do desenvolvimento (Schinka, Van Dulmen, Bossarte, & Swahn, 2012; Woodhouse & Dykas, 2012). Como foi supramencionado no título 1.1., no início da adolescência - na 1ª fase - os adolescentes optam por estar sós.

Diversas investigações analisaram de forma detalhada a agressividade, a ansiedade social, a solidão entre outras dimensões na adolescência, constatando diferenças entre sexos. Neto (2012) investigou os níveis de capacidades/habilidades sociais de adolescentes brasileiros e comprovou diferenças entre os géneros. Os adolescentes do sexo masculino apresentaram níveis mais elevados de agressividade/comportamento agressivo e de vaidade/arrogância, pese embora as diferenças não sejam significativas. Enquanto, que os adolescentes do sexo feminino apresentaram níveis mais elevados de solidão/ansiedade social. Contrariamente um estudo com jovens universitários, com uma média de idades de 20.12, demonstrou níveis mais elevados de solidão no sexo masculino, sendo esta diferença significativa. Peets & Kikas (2006) concluíram que o sexo masculino utiliza mais estratégias agressivas para fazer face à raiva e ao conflito.

Ainda, no âmbito do desenvolvimento das competências sociais, é essencial descodificar o conceito de assertividade, de acordo com Lange e Jakubowski (1976 cit. in Silva, 2004) refere-se à afirmação por parte do sujeito dos seus direitos, e à revelação dos seus pensamentos, sentimentos e crenças de forma directa, honesta e apropriada, não violando o direito das outras pessoas.

As competências sociais revelam extrema importância no desenvolvimento humano. A existência de défices nesta área poderá colocar em causa a formação de relações interpessoais, assim como a saúde mental do adolescente. Torna-se, desta forma imprescindível avaliar os défices nas competências sociais, de modo a identificar os problemas sociais por áreas e delinear um plano de tratamento (Matson, et al., 2010).

1.2.1. Treino de Competências Sociais

O treino ou programa de competências sociais tem três objetivos fulcrais, o primeiro é aumentar a frequência e/ou melhorar as capacidades/habilidades sociais já aprendidas, mas

que se encontram com elevado nível deficitário. O segundo é transmitir novas capacidades/habilidades sociais que sejam significativas. O último e terceiro objetivo é diminuir os comportamentos que sejam opostos às novas capacidades aprendidas. Estes objetivos são alcançados a partir de um conjunto de exercícios que visam um determinado processo de aprendizagem. O treino ou programa de competências deverá ser coordenado por um terapeuta (2010, Dell Prette & Dell Prette cit. in Dell Prette & Dell Prette, 2011).

No âmbito dos programas de competências sociais, é possível identificar os seguintes modelos explicativos: o da assertividade, o da perceção social e o sociocognitivo. Os quais serão descritos de seguida, dada a sua importância para a compreensão do comportamento social na adolescência.

O primeiro modelo, o da assertividade, baseia a sua explicação em duas perspetivas. A primeira perspetiva apoia-se nas pesquisas de Wolpe (1971, cit in. Silva, 2004) acerca do condicionamento respondente. Segundo este paradigma, a aprendizagem da ansiedade dá-se através da associação do desempenho social a estímulos aversivos. Tendo este último fator um papel inibidor na emissão de respostas assertivas. A segunda tem por base o condicionamento operante, conclui que os adolescentes não se comportam de forma assertiva, porque não são reforçados corretamente (Silva, 2004).

O segundo modelo, o da perceção social, foi desenvolvido por Argyle (1967, 1994 cit. in Silva, 2004) e pressupõe que o processamento cognitivo é responsável pela correta descodificação do ambiente social. Os défices nas competências sociais resultam de falhas na descodificação das normas e valores do ambiente social que rodeia o adolescente (Silva, 2004).

O terceiro modelo, sociocognitivo, descreve as competências sociais como resultado das aprendizagens do adolescente nas interações com o seu meio. Portanto, o desempenho adequado de determinada competência social dependerá da observação do comportamento das outras pessoas. Os autores de referência deste modelo são Albert Bandura e Walter Mischel (Pervin & John, 2004).

1.3. Vinculação

A teoria da vinculação incide o seu estudo no primeiro vínculo humano, ou seja, sobre o início primordial do desenvolvimento social. John Bowlby foi fundador desta teoria

formulando os seus princípios básicos. Mary Salter Ainsworth testou estes princípios e desta forma inovou e expandiu a teoria da vinculação (Bretherton , 1992).

A teoria da vinculação teve um longo percurso histórico, foi influenciado por diversas teorias, tais como, a etologia, a cibernética, o processamento de informação, psicologia do desenvolvimento e a psicanálise (Bretherton , 1992).

A essência da teoria da vinculação foi apresentada à comunidade científica, nos anos de 1958, 1959 e 1960, em três obras de John Bowlby: *“The Nature of the Child’s Tie to His Mother”*; *“Separation Anxiety”*; *“Grief and Mourning in Infancy and Early Childhood”*.

Mary Ainsworth redefiniu a teoria da vinculação através dos seguintes estudos experimentais: *Infância no Uganda*, *Estudo de Baltimore* e a *Situação Estranha*. Este último, concerne num estudo em laboratório. Os estudos de observação naturalista, *Infância no Uganda* e *Baltimore* antecederam o estudo em laboratório. O primeiro estudo consistiu englobou um total de 28 pares de mães-filhos participantes, do Uganda. Durou 9 meses, entre os anos de 1954 e 1955 (Ainsworth, 1967). O segundo estudo, de *Baltimore* realizou-se no ano de 1963, tendo tido 26 famílias participantes (Bretherton , 1992).

Os estudos empíricos apresentados permitiram a classificação de três estilos de vinculação: um seguro - tipo B e dois inseguros - ambivalente/resistente - tipo C e evitante-tipo A (Main, 1999). Os referidos estilos ou padrões de vinculação serão descritos no subtítulo seguinte.

O estudo da vinculação incide sobre o estudo da primeira relação que o bebé estabelece com o prestador de cuidados. Esta relação, denominada de vinculação, é definida por uma forte componente emocional entre duas pessoas, sendo estabelecida por mútuo afecto e desejo de manter a proximidade (Salvaterra, 2007).

Quanto aos conceitos chave da teoria em causa, destacam-se, entre outros, o comportamento de vinculação, a figura de vinculação e os laços de vinculação.

O comportamento de vinculação refere-se aos comportamentos observáveis sobre o bebé, que revelam a necessidade de procura de proximidade. Entre os comportamentos de vinculação pode-se enumerar: o sorriso, a vocalização, o choro, o gatinhar e o agarrar. Segundo Zeanah (1993, cit in. Guedeney , 2004) a mais recente análise ao comportamento da vinculação recai sobre a unidade funcional desse comportamento, tendo em vista a sua finalidade.

A figura de vinculação corresponde aquela, a quem a criança dirige o seu comportamento de vinculação (Guedeney , 2004). Portanto, é a figura adulta que tem disponibilidade e capacidade de resposta às solicitações da criança, com regularidade proporcionando-lhe um sentimento de segurança.

Os laços de vinculação referem-se aos laços afectivos (Ribeiro & Sousa, 2002), estabelecidos entre a criança e a figura de vinculação.

No âmbito da teoria da vinculação, Ainsworth definiu, ainda, quatro características que distinguem a relação de vinculação das restantes relações sociais, nomeadamente, a procura de proximidade; a noção de base de segurança - que permite à criança uma exploração livre na presença da figura de vinculação; a noção de comportamento refúgio - regresso para junto da figura de vinculação quando está perante uma ameaça; por último, as reações perante a separação involuntária (Guedeney , 2004).

1.3.1. Estilos de Vinculação

Como foi referido no ponto anterior, Mary Ainsworth foi uma investigadora com relevância na área da vinculação. Foi com base nos seus trabalhos empíricos no *Uganda*, *Baltimore* e no procedimento laboratorial da “*Situação Estranha*” que testou a segurança da relação de vinculação (Salvaterra, 2007) e consequentemente classificou os estilos de vinculação.

No procedimento laboratorial, uma criança, com aproximadamente um ano de idade, é colocada numa sala que desconhece, com vários brinquedos, onde pode explorar e brincar na presença da mãe - figura de vinculação. Na fase seguinte, dá-se a entrada de um estranho na sala, que fala com a mãe e de seguida aproxima-se da criança. Seguidamente, a mãe ausenta-se e o estranho permanece na sala, verifica-se uma separação breve. Por fim e passados alguns minutos, a mãe volta a entrar na sala e o estranho sai (Gleitman , Fridlund , & Reisberg, 2007).

A observação dos comportamentos da criança durante todo o procedimento forneceram a Ainsworth e aos seus colaboradores dados, que lhes permitiu diferenciar três estilos de vinculação: um seguro - tipo B e dois inseguros - ambivalente/resistente ou intitulado ambivalente/ansioso - tipo C e evitante - tipo A.

No estilo seguro - tipo B a criança tem a mãe como base segura para explorar sem receios o ambiente e a sua ausência cria-lhe ansiedade. Verifica-se uma relação favorável com

a mãe a qual manifesta sensibilidade com a criança, conduzindo a exteriorização de alegria e bem-estar da criança em contacto físico com a mãe. Durante as breves separações da mãe regista-se um certo nível de ansiedade, aquando do regresso desta a criança estabelece de imediato o contacto com a mesma e volta a brincar. (Main, 1999).

Becker –Stoll e Fremmer-Bombik (1997, cit. in Allen & Land , 1999) relataram que os adolescentes com o estilo de vinculação seguro demonstram capacidade de resolução de problemas no seu ambiente familiar, perservando a relação com os seus progenitores. Ao nível das relações interpessoais, na adolescência, o estilo de vinculação apresentado é caracterizado pela exibição de um discurso correcto quando narram as suas experiências de vinculação. Zimmermann, Scheuerer-Englisch e Grossman (1996) ostentaram dados que evidenciavam a ligação entre o estilo de vinculação seguro e aceitação social dos adolescentes (Allen & Land , 1999).

No estilo inseguro ambivalente/resistente ou ambivalente/ansioso - tipo C verifica-se uma relação desfavorável com a mãe. O comportamento da mãe para com a criança é insensível, sendo as suas respostas imprevisíveis face aos sinais de comunicação da criança. Contudo, a rejeição não é evidente. Durante, a ausência da mãe a criança preocupa-se em saber do seu paradeiro, mais do que em explorar o ambiente. Aquando do regresso da mãe permanece perto desta, rejeita contudo o seu contacto e denota-se na criança expressões confusas de ansiedade e alguma raiva (Main, 1999; Salvaterra, 2007).

No estilo inseguro evitante - tipo A verifica-se igualmente uma relação desfavorável com a mãe, que rejeita o comportamento de proximidade da criança para com ela. Ao contrário do estilo anterior, esta criança não se preocupa com o paradeiro da mãe, explorando o meio. Durante os períodos de separação da mãe, não revela qualquer nível de ansiedade, no retorno desta nega-lhe qualquer tipo de contacto. Não distingue a mãe de qualquer outro indivíduo, aceita o contacto de ambos (Salvaterra, 2007).

Na adolescência os estilos de vinculação inseguros, são pautados por um discurso distorcido, expectativas negativas, assim como problemas sociais em diversas áreas da vida (Cassidy, Kirsh, Scolton & Parke cit. in Allen & Land , 1999).

De acordo com Cooley, Buren e Cole (2010) os estilos de vinculação influenciam o desenvolvimento individual nas interações com o ambiente social.

1.3.2. Vinculação na adolescência

A adolescência é um período do ciclo de vida humana, em que ocorrem transformações determinantes para o desenvolvimento humano. Estas transformações, também, ocorrem ao nível da vinculação. Segundo Soares (1996) nesta etapa do desenvolvimento dá-se a transição da vinculação da infância (estabelecidas na maioria das vezes entre pais e filhos) para as ligações afetivas adultas, que vão para além das relações familiares.

Importa referir que a vinculação se mantém sempre. Por este motivo, os laços de vinculação são percecionados pelos adolescentes como algo que os limita e não como uma base segura para as suas futuras relações sociais (Allen & Land , 1999). No entanto, estes laços constituem os alicerces para o desenvolvimento das suas competências sociais, ou seja, para a efetivação de comportamentos sociais adequados.

A adolescência é um período que dita a passagem da dependência à autonomia, o que implica uma transformação das relações com os pais ou figuras de vinculação, assim como uma transformação nas relações com os pares. As necessidades de vinculação são gradualmente transferidas dos segundos para os primeiros (Allen & Land , 1999).

Em suma, durante o processo de adolescência constata-se um afastamento das figuras de vinculação; uma transformação das relações de vinculação estabelecidas com estas figuras; a criação de novos laços de vinculação; o aparecimento de comportamentos sexuais e o aparecimento progressivo da capacidade para se tornar uma figura de vinculação (Guedeney , 2004).

1.4. Temperamento

Com base na revisão da literatura, constatou-se que o comportamento social e a manifestação das competências sociais do adolescente dependem não só dos vínculos estabelecidos anteriormente, como também do temperamento. O temperamento afeta o ajustamento durante a adolescência (Ganiban, Saudino, Ulbricht, Neiderhiser, & Reiss, 2008).

O conceito deriva da palavra em latim *temperare*, que significa misturar. Aluindo, deste modo, à relação entre as predisposições comportamentais e os substratos biológicos base (Rettew & McKee, 2004). Este termo tem sido alvo de vários estudos e teorias, as primeiras noções surgiram na Grécia e foram formuladas por Hipócrates e Galeno (Pervin & John, 2004).

Actualmente continuam a existir diferentes abordagens teóricas ao conceito de temperamento, pese embora sejam as concepções de Buss e Plomin e de Thomas e Chess as mais consideradas em artigos de investigação (e.g. Wills, DuHamel, & Vaccaro, 1995; Ganiban, Saudino, Ulbricht, Neiderhiser, & Reiss, 2008; Gasman, et al., 2002).

De acordo com Thomas e Chess, o temperamento é uma componente estilística do comportamento, distinto da motivação. Segundo, estes autores os adolescentes podem ter a mesma motivação para efectuar determinado comportamento, contudo a forma como o executam vai sempre diferir significativamente, resultado do temperamento (Goldsmith, et al., 1987).

Os autores Buss e Plomin conceptualizam o temperamento como um conjunto de traços da personalidade, de origem genética que surgem na infância - no primeiro ano de vida (Goldsmith, et al., 1987).

No seguimento das definições apresentadas, Zeanah e Fox (2004) circunscreveram o temperamento aos estilos de comportamento exibidos pela criança ou adolescente, em resposta aos estímulos e contextos. Mencionaram que estes estilos de comportamento surgem no primeiro ano de vida permanecendo ao longo do desenvolvimento.

1.4.1. Dimensões do Temperamento

As diferentes perspetivas teóricas do temperamento concebem diferentes dimensões do constructo. Deste modo, passar-se-á a apresentar as dimensões do temperamento, de acordo com os modelos mais em voga.

Os investigadores Thomas e Chess analisam o temperamento a partir de nove dimensões, das quais se realçam as seguintes: a atividade e a intensidade da reação. Estes autores diferenciam três tipos de crianças, tendo em conta o seu temperamento: crianças fáceis, difíceis e «slow-to-warm-up» (Goldsmith, et al., 1987). Sugerem que a expressão máxima do comportamento dependerá da interação entre o temperamento da criança e o seu meio (Wills, DuHamel, & Vaccaro, 1995).

Na ótica dos autores Buss e Plomin (Goldsmith, et al., 1987) o constructo do temperamento compreende três características: emocionalidade, atividade e sociabilidade. Os autores caracterizam as três dimensões da seguinte forma (Goldsmith, et al., 1987; Gasman, et al., 2002; Salvaterra, 2007;):

a) a emocionalidade é definida por uma forte resposta aos estímulos, do ponto vista psicofisiológico e comportamental. Para classificar as crianças nesta categoria são tidos em conta as suas expressões de angústia, medo ou zanga. Os autores consideram que as crianças inseridas neste grupo, mais tarde evidenciarão uma personalidade neurótica;

b) a atividade é dimensão que comprovará desde cedo o estilo comportamental, avalia a frequência e a intensidade das respostas motoras. Pode-se, desta forma, verificar comportamentos que vão desde melancolia a comportamentos bastante energéticos. Nesta dimensão é possível efetuar a distinção entre crianças/adolescentes ativas e inativas. Em termos de cuidados parentais, a criança ativa é referida como uma fonte energia, sendo considerada como mais fácil de cuidar, ao contrário da criança inativa que é dependente dos restantes para tomar uma iniciativa;

c) a sociabilidade avalia o grau de necessidade do isolamento, isto é, até que ponto a criança e/ou adolescente prefere estar só ou acompanhado. A criança/adolescente sociável apresenta os seguintes comportamentos: necessidade de proximidade com outros, de atenção e disponibilidade para estar com os outros, mesmo sendo estranhos. Contrariamente, a criança/adolescente pouco sociável, evita os outros, principalmente os que não lhe são familiares, é solitária. Na idade adulta, o traço de personalidade correspondente a este componente é o de introversão/extroversão.

Ao nível da emocionalidade e da sociabilidade, um estudo com população universitária revelou as raparigas são mais emotivas do que os rapazes (Daniels, 1986), sendo que estes apresentam um nível mais elevado de timidez, todavia estas diferenças não foram significativas.

Existem, ainda, vários estudos que relacionam o temperamento com outras variáveis, entre as quais a vinculação, temática abordada no título que se segue.

1.5. Relacionamento entre variáveis

Vários estudos científicos têm suportado a existência de ligações entre determinadas dimensões avaliativas das competências sociais na adolescência e os estilos de vinculação (e.g. Melo & Duarte, 2011; Beauchamp & Anderson, 2010; Cooley, Buren, & Cole, 2010). Comparativamente, as relações entre os défices de competências sociais e o temperamento não tem sido alvo de muitos estudos, pese embora o temperamento seja um fator que

influencia o ajustamento na adolescência (Ganiban, Saudino, Ulbricht, Neiderhiser, & Reiss, 2008) e as competências sociais (Beauchamp & Anderson, 2010) .

Ao nível das conexões entre competências sociais e vinculação, Cooley, Buren , & Cole (2010) referem que diversos estudos apontam para uma associação entre o estilo de vinculação e a competência social.

Ao nível da vinculação segura – tipo B - verifica-se que está relacionada negativamente com a agressividade, de acordo com Melo e Duarte (2011). Deniz , Hamarta, e Ari (2005) referiram igualmente que este estilo de vinculação se relaciona de forma negativa com a solidão.

Ao nível dos tipos de vinculação insegura Kobak e Sceery (1988 cit. in Allen & Land , 1999) concluíram que ausência das competências sociais está relacionada com estes padrões. No estudo participaram estudantes universitários. Melo & Duarte (2011) concluíram que a vinculação ansiosa/ambivalente está relacionada com os comportamentos agressivos. Ainda, neste âmbito Bonetti, Campbell, e Gilmore (2010) concluíram que as vinculações pobres influenciam a ansiedade social e a solidão dos adolescentes

No que diz respeito às realções entre as competências sociais e o temperamento, como foi mencionado existem poucas bases teóricas científicas, verifica-se associações positivas, apenas, entre a solidão e a timidez (S., Dykas, & Cassidy, 2012).

Como vem sendo mencionado, a vinculação e o temperamento são factores que influenciam o desenvolvimento das competências sociais (Beauchamp & Anderson, 2010). Sendo que estes dois construtos, também se influenciam mutuamente, como é suportado por alguns autores. Contudo não se verifica nenhum consenso sobre qual a influência que se sobrepõe (Rettew & McKee, 2004).

A teoria do vinculação evidencia que o estabelecimento da relação entre criança e a figura de vinculação é bidirecional (Rettew & McKee, 2004), a criança manifesta determinados comportamentos de vinculação com o intuito de procurar proximidade do cuidador, que por sua vez vai reagir segundo um determinado padrão.

Contrariamente, aos teóricos da vinculação, outros teóricos sugerem que o temperamento, direta ou indiretamente, desempenha um papel mais preponderante na determinação do estilo de vinculação.

Bloom verificou uma relação entre o temperamento e a vinculação (Rettew & McKee, 2004). Vaughn e Bost (1999 cit. in Salvaterra, 2007) concluíram que vinculação e o temperamento estão correlacionados de forma moderada.

A análise de estudos realizados demonstra que existe uma ligação entre os termos utilizados na teoria da vinculação e do temperamento. As duas teorias fazem conexões entre os seus domínios específicos e o desenvolvimento da personalidade e auto-conteito (Salvaterra, 2007).

Capítulo II – Objetivos e Metodologia

2.1. Objetivos e Hipóteses

O objetivo fulcral deste estudo transversal, correlacional e comparativo é verificar a relação existente entre os estilos de vinculação, o temperamento e as competências sociais na adolescência.

Tendo em consideração a revisão bibliográfica efetuada, espera-se verificar 8 hipóteses, as quais são apresentadas em seguida:

Hipótese 1 - A existência de uma correlação negativa entre a agressividade/comportamento antissocial e a vinculação segura.

Hipótese 2 - A existência de uma correlação negativa entre a solidão/ansiedade social e a vinculação segura.

Hipótese 3 – A existência de correlações negativas entre as competências sociais/assertividade e as vinculações inseguras: ansiosa/ambivalente e evitante.

Hipótese 4 – A existência de correlações positivas entre a solidão/ansiedade social e as vinculações inseguras: ansiosa/ambivalente e evitante.

Hipótese 5- A existência de uma correlação positiva entre a agressividade/comportamento antissocial e a vinculações insegura -ansiosa/ambivalente.

Hipótese 6 – A existência de uma correlação positiva entre a solidão/ansiedade social e a timidez.

Hipótese 7 - A existência de correlações moderadas entre os estilos vinculação e as dimensões do temperamento.

Hipótese 8 – A existência de diferenças significativas entre os sexos no que respeita às competências sociais e ao temperamento.

2.2. Participantes

A amostra do presente estudo é composta por 244 (n=244) adolescentes do ensino básico das Escolas Públicas do Concelho de Loures, em que 56.1% (n=137) são do sexo feminino e 43.9% (n=107) são do sexo masculino.

Relativamente à idade, a amostra total apresenta uma média de idades de 13.53 (M=13.53) e um desvio padrão de 1.978 (DP= 1.978). O participante mais velho tem 18 anos e o mais novo 10 anos de idade. Importa mencionar que o sexo masculino apresenta uma média de idades de 13.20 (M= 13.20) e o sexo feminino de 13.80 (M=13.80). Os valores de

desvio padrão são 1.925 e 1.986, respetivamente. Registaram-se diferenças significativas no que concerne aos valores apresentados.

No que diz respeito ao ano de escolaridade, varia entre 5º e o 9º, a maior parte dos adolescentes frequenta o 9º ano, 30.3% (n=74). Uma percentagem menor de alunos, 13.5% (n=33) frequenta o 7º ano. No sexo masculino verifica-se que a maioria dos participantes frequentam o 9º ano de escolaridade 29% (n=31) enquanto uma minoria frequenta o 8º ano, 11.2% (n=12). A média de ano de escolaridade é de 7.02 (M=7.02) com um desvio padrão de 1.548 (DP =1.548). No sexo feminino observa-se que um maior número de alunas está no 9º ano de escolaridade, 31.4% (n=43) comparativamente uma percentagem inferior de alunas está matriculada no 5º ano, 11.7% (n=16). Verifica-se uma média no valor de 7.51 (M= 7.51) e um desvio padrão de 1.383 (DP = 1.383).

No que respeita à existência ou não de irmãos, constata-se que 86.3% (n=208) dos adolescentes, que participaram neste estudo, têm irmãos. O número de irmãos por participante varia entre 1 e 15 irmãos. No que concerne à percentagem de participantes que tem irmãos, por sexo, verifica-se uma percentagem 83% (n= 88) para os alunos do sexo masculino e 88.9% (n= 120) para o sexo feminino.

Em relação à posição na fratria 30.5% (n=73) dos estudantes ocupam a posição de irmãos mais velhos, sendo que uma percentagem menor de participantes é gémeo 5.0% (n=12). Verifica-se que tanto os adolescentes do sexo masculino, como os do sexo feminino, ocupam maioritariamente a posição de irmãos mais velhos, apresentando as seguintes percentagens, 29.1 (n=30) e 31.6% (n=43) respetivamente.

No que se refere à constituição do agregado familiar, ou seja, aos elementos com quem vivem os adolescentes constata-se que os participantes vivem na sua maioria com ambos os pais, tanto no sexo masculino como feminino. As percentagens apresentadas foram de 68.2% (n=73) para o sexo masculino e 63.5% (n=87) no sexo feminino. Quando não vivem com os dois progenitores, os jovens de ambos os sexos vive sobretudo com a mãe, no sexo masculino observa-se uma percentagem de 23.4% (n=25) e no sexo feminino 27.7 % (n=38). Comparativamente, apenas, 2.8% (n= 3) dos participantes masculinos e 5.1% (n=7) dos do sexo feminino vive com o pai. Confirma-se que o agregado familiar pode ser constituído por outros elementos, como é o caso dos irmãos, avós, tios, primos e outros. Pese embora, não se tenha conseguido analisar se estas pessoas podem estar presentes num mesmo agregado em simultâneo, foi possível efetuar o cruzamento entre alguns elementos. Deste modo, constatou-

se que os irmãos fazem parte do agregado dos adolescentes quando estes vivem com os pais em 47.7% (n=51) e 49.6% (n=68) dos casos no sexo masculino e feminino, respetivamente.

Por fim, apura-se que 86% (n=92) dos adolescentes do sexo masculino e 86.8% (n=118) do sexo feminino vive com os elementos por si assinalados desde sempre.

Tabela 1 – Dados Demográficos da Amostra

Amostra Total (N=244)	Sexo Masculino (N=107)		Sexo Feminino (N=137)	
	M	DP	M	DP
Idade	13.20	1.925	13.80	1.986
Ano de escolaridade	7.02	1.548	7.51	1.383
	N	%	N	%
Tem Irmãos				
Não	18	17	15	11,1
Sim	88	83	120	88.9
Posição na Fratria				
Mais Velho	30	29.1	43	31.6
Do meio	24	23.3	33	24.3
Mais Novo	29	28.2	35	25.7
Gémeo	2	1.9	10	11
Com quem vive				
Pais	73	68.2	87	63.5
Pais e irmãos	51	47.7	68	49.6
Mãe	25	23.4	38	27.7
Mãe e Irmãos	13	12.1	19	13.9
Mãe e Padrasto	5	4.7	12	8.8
Mãe, Padrasto e Irmãos	3	4.5	8	8.6
Pai	3	2.8	7	5.1
Pai e Irmãos	2	1.9	4	2.9
Pai e Madrasta	1	0.9	2	1.5
Pai, Madrasta e Irmãos	0	0	1	1.1
Avós	7	6.5	5	3.6
Avó	5	4.7	7	5.1
Avô	3	2.8	2	1.5

Tios	8	7.5	10	7.3
Primos	6	5,6	1	0.7
Outros	2	1,9	6	4.4
Vive com estas pessoas				
Desde Sempre	92	86	118	86.8
Entre 1 e 11 anos	15	14	18	13.20

2.3. Medidas

2.3.1. Questionário de dados sociodemográficos

O protocolo de avaliação da investigação inicia-se com um questionário de dados sociodemográficos, no qual foi inquerida informação das variáveis: sexo, idade, ano de escolaridade, número de irmãos, posição na fratria, com quem vivem e há quanto tempo.

2.3.2. Escala MESSY - *Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters*

No presente estudo foi aplicada a escala de autorrelato MESSY- Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters – tradução portuguesa (J.B. Rosa, M. Rego & M. Carvalho, 2003) para avaliar as competências sociais dos participantes. Esta escala foi desenvolvida em 1983 por Matson, Rotatori e Helsel e é dirigida a crianças e adolescentes, com o objetivo de avaliar os défices nas competências sociais destas faixas etárias (Matson, Neal, Fodstad, Hess, Mahan & Rivet, 2010).

A MESSY é uma escala de autorrelato composta por 62 itens, em que o jovem deverá classificar o grau em que costuma ter determinados comportamentos ou pensamentos, numa escala de resposta de tipo Likert que vai desde 1 (*Nunca*) a 5 (*Sempre*). De modo a avaliar quatro fatores: Agressividade/Comportamento Antissocial, Competências Sociais/ Assertividade, Vaidade/ Arrogância e Solidão/ Ansiedade Social.

A versão original desta medida foi adaptada em vários países. Nesta dissertação, embora tenha optado por utilizar a tradução portuguesa (J.B. Rosa, M. Rego & M. Carvalho, 2003), foram tidos em consideração os resultados psicométricos, obtidos na adaptação à população brasileira (Teodoro, Kappler, Rodrigues, Freitas & Hasse, 2005), uma vez que a tradução portuguesa não foi validada à população. Os resultados obtidos, na validação da escala à população brasileira, foram de encontro aos resultados obtidos na adaptação espanhola por Méndez, Hidalgo e Inglés (2002).

Teodoro et. al (2005) verificaram as seguintes qualidades psicométricas ao nível da fidelidade: a consistência interna apresenta um alfa Cronbach total de .85, sendo que o fator um (Agressividade/Comportamento Antissocial) apresenta um alfa .87, o fator dois (Competências Sociais/ Assertividade) de .84, o três (Vaidade/ Arrogância) .74 e finalmente o último fator (Solidão/ Ansiedade Social) um alfa de .47.

2.3.3. Inventário sobre a Vinculação na Infância e Adolescência -IVIA

Os estilos/padrões de vinculação foram avaliados mediante os dados obtidos no Inventário sobre a Vinculação na Infância e Adolescência – versão de autoavaliação, desenvolvido por Carvalho, Soares e Baptista (2007, submetido a publicação) no âmbito da tese de doutoramento Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação: Implicação nas Perturbações Emocionais e Comportamentais, no início da adolescência.

O objetivo do referido inventário é avaliar a vinculação, de acordo com os modelos de Bowlby e Ainsworth.

O IVIA corresponde a uma escala de autorrelato, composta por 24 itens, na qual os adolescentes devem referir qual é o seu grau de concordância numa escala de Likert, que vai desde 1 (*Nunca*) a 5 (*Sempre*).

A análise da estrutura fatorial do respetivo questionário revelou uma estrutura tridimensional: sendo o fator 1 relativo à vinculação segura; o fator 2 respeitante à vinculação ansiosa/ambivalente e o fator três 3 referente à vinculação evitante. Sendo que o fator 1 (vinculação segura) corresponde aos itens relacionados com a confiança, procura de ajuda, autorrevelação e procura de proximidade. Os itens que avaliam o medo de abandono/rejeição, expectativas negativas e de independência correspondem à vinculação insegura (fator 2 e 3).

Os estudos psicométricos realizados demonstraram níveis adequados de fidelidade, sendo a consistência interna, alfa de Cronbach para as três dimensões de .83 (vinculação segura), .85 (vinculação ansiosa/ambivalente) e .71 (vinculação evitante). Enquanto, as correlações inter-itens variaram entre .35 e .45 e as correlações item-total variaram entre .40 e .70 (Carvalho, 2007).

2.3.4. Escala de Temperamento – EAS - Versão de Autoavaliação

O temperamento dos participantes, no estudo, foi avaliado através de uma escala de autorrelato a EAS (*Emocionalidade, Atividade e Sociabilidade*) - tradução portuguesa (F. Lory & A. Baptista, 1998).

A EAS é composta por 20 itens, na qual os adolescentes devem referir qual o grau que os caracteriza numa escala de Likert, que varia entre 1 (*Não Caracteriza Nada*) e 5 (*Caracteriza Muito Bem*).

A versão original da EAS, foi desenvolvida em 1984, por Buss & Plomin (Assess, Boer & Westenberg, 1994) tendo como objetivo a avaliação de 4 dimensões, tais como: sociabilidade, atividade, timidez e emocionalidade (Klassen, 2008).

Os estudos psicométricos revelaram uma boa validade e fidelidade, verificaram-se correlações fortes na emocionalidade (.72) e atividade (.80). No que diz respeito à timidez e sociabilidade os valores foram menores (.58). Embora a escala original seja de heteroavaliação, preenchida pelos pais e professores de crianças e adolescentes com escolaridade compreendida entre o 4º e 6º ano (Klassen, 2008), nesta dissertação foi utilizada uma versão de autoavaliação, tal como Klassen (2008).

2.4. Procedimento

Para elaborar a atual dissertação de mestrado, foi necessário solicitar a colaboração das Escolas Públicas do Concelho de Loures, para a recolha de amostra nas turmas de ensino básico. Para o efeito, inicialmente foram elaborados pedidos formais, via e-mail, aos Diretores dos Agrupamentos Escola. Após a aceitação dos Diretores do Conselho Executivo, foi posteriormente entregue o consentimento informado aos Encarregados de Educação, sendo estes distribuídos pelos diretores das diversas turmas.

Após estas diligências, os alunos que tinham autorização dos encarregados de educação e que aceitaram participar no estudo, preencheram o protocolo de avaliação, constituído pelo questionário de dados demográficos e pelas medidas: MESSY, IVIA e EAS. O mesmo preenchido em contexto de sala de aula, estando presente o avaliador, que leu as instruções em voz alta e esclareceu as dúvidas colocadas pelos participantes. O preenchimento do protocolo decorreu durante aproximadamente 25 minutos.

Os dados demográficos e os dados obtidos na MESSY, IVIA e EAS dos protocolos preenchidos, foram transcritos para um ficheiro Microsoft Excel e posteriormente exportados para o IBM SPSS, para se proceder à análise estatística dos mesmos.

Capítulo III – Resultados e Discussão

3.1. Resultados

3.1.1. Correlações entre as dimensões

Tabela 2 - Correlações entre Estilos de Vinculação e Temperamento

Estilos Vinculação (IVIA)	Temperamento (EAS)			
	Timidez	Sociabilidade	Atividade	Emocionalidade
Seguro	-.305**	.590**	.372**	-.172*
Ansioso/Ambivalente	.272**	-.806	-.061	.392**
Evitante	.198**	-.124	.002	.303**

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$

Na tabela 2 pode observar-se as correlações entre os estilos de vinculação e o temperamento. Os estilos de vinculação foram avaliados a partir do *Inventário sobre a Vinculação na Infância e Adolescência - IVIA*, sendo avaliados três fatores: vinculação segura, vinculação insegura ansiosa/ambivalente e vinculação insegura evitante. O temperamento foi avaliado a partir da *Escala de Autorrelato EAS - Emocionalidade, Atividade e Sociabilidade*, na qual foram consideradas 4 dimensões do temperamento: Timidez, Sociabilidade, Atividade e Emocionalidade.

Observam-se ao nível do estilo de vinculação seguro correlações significativas com todas as dimensões do temperamento (timidez, sociabilidade, atividade e emocionalidade). Este estilo de vinculação correlaciona-se moderadamente com a timidez ($r = -.305$; $p \leq 0.01$), sociabilidade ($r = .590$; $p \leq 0.01$) e atividade ($r = .372$; $p \leq 0.01$). Enquanto que com a emocionalidade se correlaciona de forma fraca ($r = -.172$; $p \leq 0.01$). As correlações com a sociabilidade e com a atividade são positivas, contrariamente as correlações com a timidez e a emocionalidade são negativas.

O estilo de vinculação inseguro ansioso/ambivalente apresenta correlações significativas com duas dimensões do temperamento, a timidez e a emocionalidade. Apresenta um grau de associação fraco com a timidez ($r = .272$; $p \leq 0.01$) e um grau de associação moderado com a emocionalidade ($r = .392$; $p \leq 0.01$). As duas correlações são positivas.

O estilo de vinculação inseguro evitante, tem correlações significativas com as mesmas dimensões que o anterior estilo, timidez e emocionalidade. Verifica-se uma correlação fraca entre este estilo e a timidez ($r = .198$; $p \leq .01$) e uma correlação moderada com a emocionalidade. Ambas as correlações são positivas.

Portanto, o estilo de vinculação seguro correlaciona-se significativamente com todas as dimensões do temperamento, existindo um grau de associação moderado com todas as dimensões, exceto com a emocionalidade que é fraco. Os estilos de vinculação inseguros, apenas se correlacionam significativamente com a timidez e com a emocionalidade.

Tabela 3 - Correlações entre os Estilos de Vinculação e as Competências Sociais

Estilos Vinculação (IVIA)	Competências Sociais (MESSY)			
	Agressividade/C. Antissocial	CS/ Assertividade	Vaidade/ Arrogância	Solidão/ Timidez
Seguro	-.234**	.608**	-.077	-.289**
Ansioso/Ambivalente	.093	.064	.155*	.273**
Evitante	.088	.070	.121	.311**

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$

Na tabela 3 observam-se as correlações existentes entre os Estilos de Vinculação e as Competências sociais, estas foram avaliadas através dos quatro fatores da *Escala MESSY - Matson Evaluation of Social Skills with Youngsters*): Agressividade/ Comportamento Antissocial, Competências Sociais/Assertividade, Vaidade/Arrogância e Solidão/Ansiedade Social.

O estilo de vinculação seguro correlaciona-se significativamente com a agressividade/ comportamento antissocial, competências sociais/assertividade e solidão/ansiedade social. O grau de associação com agressividade/ comportamento antissocial e com a solidão/ansiedade social é fraco e negativo, apresentando os seguintes valores $r = -.234$ ($p \leq .01$) e $r = -.289$, respetivamente. Em relação às competências sociais/assertividade, o grau de associação é forte e positivo ($r = .608$; $p \leq .01$).

O estilo de vinculação inseguro ansioso/ambivalente. tem correlações significativas com a vaidade/arrogância e a solidão/ansiedade social. A correlação com a vaidade é fraca e positiva ($r = .155$; $p \leq .05$), assim como com a solidão ($r = .273$; $p \leq .01$).

O estilo de vinculação inseguro evitante apresenta apenas uma correlação significativa com a solidão/ansiedade social, esta é moderada e positiva ($r = .311$; $p \leq .01$).

Tabela 4 – Correlações entre o Temperamento e Competências Sociais

Temperamento (EAS)	Competências Sociais (MESSY)			
	Agressividade/C. Antissocial	CS/ Assertividade	Vaidade/ Arrogância	Solidão/ Timidez
Timidez	-.040	-.301**	-.062	.257**
Sociabilidade	-.114	.470**	-.076	-.443**
Atividade	.022	.375**	.008	-.109
Emocionalidade	.243	.008	.154*	.422**

* $p \leq .05$ ** $p \leq .01$

Na tabela 4 pode-se observar as correlações existentes entre as dimensões do temperamento e as Competências sociais.

A dimensão do temperamento correspondente à timidez apresenta correlações significativas com a assertividade e com a solidão. A correlação com as competências sociais/assertividade ($r = -.301$; $p \leq .01$). é moderada e negativa, já a correlação com a solidão/ansiedade social ($r = .257$; $p \leq .01$). é fraca e positiva.

A dimensão do temperamento correspondente à sociabilidade tem correlações significativas com as competências sociais/assertividade e com a solidão/ansiedade social. O grau de associação com as competências sociais/assertividade ($r = .470$; $p \leq .01$).e com a solidão ($r = -.443$; $p \leq .01$). é moderado, pese embora com a primeira seja positivo e com a segunda negativo.

A dimensão do temperamento correspondente à atividade correlaciona-se significativamente com as competências sociais/assertividade ($r = .375$; $p \leq .01$)., de forma moderada e positiva.

A dimensão do temperamento correspondente à emocionalidade correlaciona-se de modo significativo com a vaidade e com a solidão. Sendo a correlação com a vaidade ($r = .154$; $p \leq 0.05$), fraca e positiva e com a solidão/ansiedade social ($r = .422$; $p \leq 0.01$), moderada e positiva.

3.1.2. Varáveis por sexo

Tabela 5 – Competências Sociais consoante o Sexo

Competências Sociais (MESSY)	Sexo					
	Sexo Masculino		Sexo Feminino		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. Antissocial	2.07	.60	1.90	.45	2,28	.024*
CS/ Assertividade	3.74	.57	4.02	.51	-3.50	.001***
Vaidade/ Arrogância	2.70	.63	2.35	.62	4.10	.000***
Solidão/ Timidez	2.39	.56	2.36	.55	.372	.710

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

No que diz respeito à observação das competências sociais por sexo (Tabela 5) verificou-se diferenças significativas no que concerne à agressividade/comportamento antissocial, competências sociais/assertividade e vaidade/arrogância. Os adolescentes do sexo masculino ($M = 2,07$) são significativamente mais agressivos do que os do sexo feminino ($M = 1,90$). Enquanto os adolescentes do sexo feminino ($M = 4,02$) são significativamente mais assertivos do que os do sexo masculino ($M = 3,74$). Em relação, à vaidade o sexo masculino ($M = 2,70$) apresenta uma média superior ao sexo feminino ($M = 2,35$).

Tabela 6 – Estilos de Vinculação consoante o Sexo

Estilos de Vinculação (IVIA)	Sexo					
	Sexo Masculino		Sexo Feminino		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	29.84	6.62	32.48	5.50	-3.17	.002**
Ansioso/Ambivalente	22.01	7.52	23.88	8.71	-1.71	.089
Evitante	23.26	6.01	25.55	6.38	-2.78	.006**

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

A tabela 6 remete para a análise dos estilos de vinculação por sexo verificou-se diferenças significativas nos estilos de vinculação seguro e no evitante. O sexo feminino (M=32,48) apresenta significativamente uma média superior no que se refere ao estilo de vinculação seguro em comparação com o sexo masculino (M=28,84). O mesmo se verifica em relação ao estilo de vinculação evitante, o sexo feminino apresenta uma média significativamente superior (M= 25,55) em relação ao sexo masculino (M=23,26).

Tabela 7 – Temperamento consoante o Sexo

Temperamento (EAS)	Sexo					
	Sexo Masculino		Sexo Feminino		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	13.84	3.08	14.34	3.54	-1.13	.259
Sociabilidade	20.34	3.58	20.53	3.40	-.430	.668
Atividade	17.52	3.21	17.66	3.25	-.341	.733
Emocionalidade	11.28	3.37	12.90	4.07	-3.36	.001***

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Relativamente ao temperamento, na tabela 7 é possível verificar a comparação entre os sexos. Esta comparação relevou diferenças significativas apenas numa dimensão, na emocionalidade. O sexo feminino (M= 12,90) apresenta uma média superior à do sexo masculino (M=11,28).

3.1.3. Variáveis por faixas etárias

Efetuiu-se uma observação das competências sociais, estilos de vinculação e do temperamento tendo em conta duas faixas etárias. A primeira faixa etária contemplou os adolescentes com idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos, corresponde ao início da adolescência, abrangendo a sua 1ª fase. A segunda faixa etária contemplou os adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, existindo uma correspondência com a 2ª e a 3ª fase da adolescência

Tabela 8 – Competências sociais consoante as faixas etárias

Competências Sociais (MESSY)	Faixas etárias					
	10-13		14-18		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. Antissocial	1,98	.54	1,97	.51	.117	.907
CS/Assertividade	3,87	.58	3,92	.54	-.573	.567
Vaidade/Arrogância	2,52	.67	2,49	.63	.294	.769
Solidão/Ansiedade Social	2,44	.59	2,32	.51	1.65	.101

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Na tabela 8 constam os valores obtidos da comparação entre as duas faixas etárias, relativamente às competências sociais. Verificou-se a partir desta comparação que não existem diferenças significativas entre as faixas etárias, no que concerne às dimensões das competências sociais.

Tabela 9 - Estilos de Vinculação consoante as faixas etárias

Estilos de Vinculação (IVIA)	Faixas etárias					
	10-13		14-18		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	30,40	6,47	32,21	5,70	-2.219	.028*
Ansioso/Ambivalente	24,11	7,65	22,12	8,69	1.834	.068
Evitante	23,54	6,09	25,44	6,40	-2.290	.023*

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Na tabela 9 constam os valores obtidos da comparação entre as duas faixas etárias, relativamente aos estilos de vinculação. Constatou-se diferenças significativas entre as duas faixas etárias, ao nível do estilo de vinculação seguro e o estilo de vinculação inseguro evitante. Os adolescentes da segunda faixa etária, ou seja, os mais velhos (com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos) apresentaram um valor superior de vinculação segura, um média de 32.40 ($M = 32.40$) em comparação com 30.40 dos mais novos ($M = 30.40$). O mesmo facto se verificou na vinculação insegura evitante os adolescentes representativos da 2ª faixa etária (da 2ª e da 3ª fase da adolescência) ($M = 25.44$), apresentam valores superiores comparativamente com os mais novos ($M = 23.54$).

Tabela 10 – Temperamento consoante as faixas etárias

Temperamento (EAS)	Faixas etárias					
	10-13		14-18		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	14.34	3.10	13.93	3.56	.954	.341
Sociabilidade	20.46	3.43	20.45	3.52	.032	.974
Atividade	17.56	3.24	17.64	3.23	-.202	.840
Emocionalidade	12.34	3.91	12.08	3.83	.517	.606

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Quanto ao temperamento consoante as faixas etárias (Tabela 10) não foram inferidas quaisquer diferenças significativas. Não se verificam diferenças significativas ao nível da timidez, sociabilidade, atividade e emocionalidade no que se refere à idade dos adolescentes.

3.1.4. Variáveis por ano de escolaridade

Realizou-se uma observação das competências sociais, estilos de vinculação e do temperamento, tendo em consideração o ciclo de ensino frequentado pelos adolescentes. Os adolescentes participantes no presente estudo frequentam o 1º ciclo e 2º ciclo do ensino básico. O 1º ciclo corresponde ao 5º e 6º ano de escolaridade, e o 3º ciclo ao 7º, 8º e 9º ano de escolaridade.

Tabela 11 – Competências Sociais consoante o ciclo de ensino

Competências Sociais (MESSY)	Ciclo de ensino					
	1º Ciclo		2º Ciclo		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. Antissocial	1.94	.54	1.99	.52	-.742	.459
Assertividade/ CS	3.83	.63	3.93	.52	-1.171	.243
Vaidade/Arrogância	2.54	.63	2.48	.66	.619	.537
Solidão/Ansiedade Social	2.46	.60	2.33	.52	1.740	.083

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

A partir da observação da tabela 1 constata-se que não existem diferenças significativas entre os ciclos de ensino relativamente às competências sociais. Pese embora, os adolescentes do 2º ciclo apresentem médias superiores no concerne à agressividade, assertividade e vaidade. Enquanto, os adolescentes do 1º ciclo apresentam uma média superior na dimensão da solidão.

Tabela 12 – Estilos de Vinculação consoante o ciclo de ensino

Estilos de Vinculação (IVIA)	Ciclo de ensino					
	1º Ciclo		2º Ciclo		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	30.18	7.25	31.95	5.40	-2.062	.040*
Ansioso/Ambivalente	23.34	7.27	22.94	8.73	.343	.732
Evitante	22.08	5.42	25.82	6.38	-4.633	.000***

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

No âmbito dos estilos de vinculação, averiguou-se que os adolescentes que frequentam o 1º ciclo do ensino básico e os que frequentam o 2º ciclo apresentem diferenças significativas entre si, no que reporta à vinculação segura e insegura. Os adolescentes do 2º ciclo apresentam em média valores superiores tanto na vinculação segura ($M=31.95$) como na evitante ($M=25.82$) comparativamente com os adolescentes do 1º ciclo ($M=30.18$) e ($M=22.08$), respetivamente.

Tabela 13 – Temperamento consoante o ciclo de ensino

Temperamento (EAS)	Ciclo de ensino					
	1º Ciclo		2º Ciclo		t	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	14.33	3.10	14.02	3.47	.678	.499
Sociabilidade	20.18	3.57	20.60	3.41	-.884	.378
Atividade	17.61	3.20	17.60	3.25	.034	.973
Emocionalidade	11.86	3.60	12.39	3.99	-.988	.324

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

A tabela 13 espelha os resultados obtidos no temperamento, a partir da comparação de médias dos adolescentes participantes no estudo que frequentam o 1º e 2º ciclo de ensino. Visualizou-se que as componentes do temperamento não apresentam diferenças significativas, entre os alunos do 1º ciclo e o 2º ciclo.

3.1.5. Variáveis - existência ou não de irmãos

Nas tabelas 14, 15 e 16 abaixo apresentadas é possível visualizar a influência do facto dos adolescentes terem ou não irmãos no desenvolvimento das suas competências sociais, no tipo de vinculação que estabelecem com os seus progenitores. Assim como, a influência que poderá ter no seu temperamento.

Tabela 14 -Competências Sociais perante a existência de irmãos

Competências Sociais (MESSY)	Irmãos					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. Antissocial	1.99	.53	1.88	.51	-1.073	.285
CS /Assertividade	3.89	.55	3.90	.61	.113	.910
Vaidade/Arrogância	2.51	.64	2.49	.65	-.171	.864
Solidão/Ansiedade Social	2.37	.55	2.33	.43	-.388	.699

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

No que concerne às competências sociais não se verificou a existência de diferenças significativas entre os adolescentes que tem irmãos e os adolescentes que não tem irmãos.

Tabela 15 -Estilos de Vinculação perante a existência de irmãos

Estilos de Vinculação (IVIA)	Irmãos					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	31.28	6.20	31.84	5.87	.467	.641
Ansioso/Ambivalente	22.91	8.07	23.27	9.33	.219	.827
Evitante	24.20	6.23	25.55	6.24	1.115	.266

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

Relativamente, aos estilos de vinculação não existe uma diferenciação significativa entre quem tem e quem não tem irmãos.

Tabela 16- Temperamento perante a existência de irmãos

Temperamento (EAS)	Irmãos					
	Sim		Não		t	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	14.01	3.25	14.67	4.03	1.032	.303
Sociabilidade	20.48	3.39	20.34	3.99	-.201	.841
Atividade	17.71	3.19	16.97	3.42	-1.226	.221
Emocionalidade	12.25	3.74	11.67	4.43	-.802	.423

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

No que diz respeito ao temperamento, não se denotam diferenças significativas entre os dois grupos, os adolescentes que tem irmãos e os que não tem.

3.6. Variável quem vive com os pais

Nas tabelas 17, 18 e 19 apresentadas em seguida é possível visualizar a influência do facto dos adolescentes viverem ou não com os pais no desenvolvimento das suas competências sociais, no tipo de vinculação que estabelecem com os seus progenitores. Assim como, a influência que poderá ter no seu temperamento.

Tabela 17- Competências Sociais e viver com os pais

Competências Sociais (MESSY)	Vive com os pais					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. antissocial	1.97	.55	1.97	.48	.029	.977
CS/Assertividade	3.90	.57	3.88	.53	.251	.802
Vaidade/Arrogância	2.55	.65	2.41	.63	1.377	.170
Solidão/Ansiedade Social	2.38	.57	2.37	.52	.102	.919

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

Ao observar a tabela 17 verifica-se que os valores obtidos nas dimensões das competências sociais é semelhante entre os adolescentes que vivem com os pais e os que não vivem. Não existindo diferenças significativas.

Tabela 18 - Estilos de Vinculação e viver com os pais

Estilos de Vinculação (IVIA)	Vive com os pais					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	31.31	6.44	31.44	5.54	-.143	.886
Ansioso/Ambivalente	22.93	8.50	23.35	7.79	-.358	.721
Evitante	24.16	6.56	25.29	5.74	-1.254	.211

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

Na tabela 18 não se analisam diferenças significativas nas médias de resposta relativamente aos estilos de vinculação entre os dois grupos.

Tabela 19 – Temperamento e viver com os pais

Temperamento (EAS)	Vive com os pais					
	Sim		Não		t	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	14.08	3.49	14.21	3.09	-.271	.787
Sociabilidade	20.53	3.39	20.30	3.62	.485	.628
Atividade	17.49	3.25	17.81	3.19	-.724	.470
Emocionalidade	12.10	3.78	12.43	4.02	-.619	.537

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

Os dois grupos não apresentam diferenças significativas ao nível do temperamento (Tabela 19), viver ou não com os pais não influencia significativamente as componentes do temperamento do adolescente.

3.1.7. Variável quem vive com a mãe

Nas tabelas 20, 21 e 23, apresentadas em seguida, é possível visualizar a diferenças existentes entre os adolescentes que vivem e que não vivem com a mãe no que se refere às suas competências sociais, aos estilos de vinculação que estabelecem com os seus progenitores e ao seu temperamento.

Tabela 20 - Competências Sociais e viver com a mãe

Competências Sociais (MESSY)	Vive com a mãe					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. Antissocial	1.97	.51	1.97	.53	-.009	.993
CS/Assertividade	3.92	.51	3.89	.57	.311	.756
Vaidade/Arrogância	2.42	.65	2.53	.65	-1.081	.281
Solidão/Ansiedade Social	2.37	.56	2.38	.55	-.060	.952

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

A observação comparativa entre os adolescentes que vivem com a mãe e os adolescentes que não vivem, ao nível das competências sociais (Tabela 20) não evidenciou diferenças significativas.

Tabela 21 - *Estilos de Vinculação e viver com a mãe*

Estilos de Vinculação (IVIA)	Vive com a mãe					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	32.13	5.54	31.08	6.32	1.129	.260
Ansioso/Ambivalente	23.93	8.25	22.77	8.26	.938	.349
Evitante	25.70	6.23	24.17	6.31	1.549	.123

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Em relação aos estilos de vinculação (Tabela 21) não foram identificadas diferenças significativas entre os adolescentes que vivem e os que não vivem com a progenitora.

Tabela 22 - *Temperamento e viver com a mãe*

Temperamento (EAS)	Vive com a mãe					
	Sim		Não		t	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	13.92	3.39	14.19	3.34	-.562	.575.
Sociabilidade	20.68	3.41	20.37	3.49	.598	.551
Atividade	17.66	3.31	17.58	3.21	.167	.867
Emocionalidade	12.52	4.31	12.10	3.70	.717	.474

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Na tabela 22, não se verificaram diferenças significativas nos dois grupos (os que vivem e os que não vivem com a mãe) relativamente ao temperamento.

3.1.8. Variável quem vive com o pai

Nas tabelas 23, 24 e 25, apresentadas em seguida, é possível visualizar a diferenças existentes entre os adolescentes que vivem e que não vivem com o pai no que se refere às suas competências sociais, aos estilos de vinculação que estabelecem com os seus progenitores e ao seu temperamento.

Tabela 23 - Competências Sociais e viver com o pai

Competências Sociais (MESSY)	Vive com o pai					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. Antissocial	1.92	.37	1.98	.53	-.310	.757
CS/Assertividade	3.82	.33	3.90	.56	-.417	.677
Vaidade/Arrogância	2.52	.64	2.50	.65	.070	.944
Solidão/Ansiedade Social	2.46	.44	2.37	.56	.482	.630

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Em termos de competências sociais (Tabela 23), não se verificaram diferenças significativas entre os adolescentes que vivem com o pai e os que não vivem.

Tabela 24 – Estilos de Vinculação e viver com o pai

Estilos de Vinculação (IVIA)	Vive com o pai					
	Sim		Não		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	30.11	4.20	31.41	6.19	-.621	.535
Ansioso/Ambivalente	22.11	4.67	23.11	8.37	-.357	.772
Evitante	25.10	3.70	24.50	6.41	.293	.770

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Ao nível dos estilos de vinculação (Tabela 24) não se verificaram diferenças significativas entre os dois grupos.

Tabela 25 – Temperamento e viver com o pai

Temperamento (EAS)	Vive com o pai					
	Sim		Não		t	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	15.50	1.43	14.07	3.40	2.833	.013*
Sociabilidade	19.60	4.03	20.49	3.45	-.794	.428
Atividade	18.40	2.95	17.56	3.24	.800	.424
Emocionalidade	12.30	3.80	12.20	3.87	.077	.939

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

No que concerne ao temperamento verificou-se a existência de uma diferença significativa ao nível da timidez entre os adolescentes que vivem com o pai e os que não vivem. Os adolescentes que vivem com o pai são mais tímidos dos que vivem não vivem.

3.1.9. Variável estabilidade do agregado familiar

Nas tabelas 26,27 e 28 analisou-se as competências sociais, os estilos de vinculação e o temperamento dos adolescentes tendo em conta a estabilidade do seu agregado familiar. A estabilidade do agregado familiar dos participantes neste estudo varia entre os que vivem desde sempre no mesmo agregado familiar, e os que vivem apenas entre 1 e 11 anos.

Tabela 26 – Competências Sociais e Estabilidade do Agregado

Competências Sociais (MESSY)	Vive com este agregado à quanto tempo					
	Desde sempre		1 a 11 anos		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Agressividade/C. Antissocial	1.97	.52	2.01	.58	-.407	.685
CS/Assertividade	3.91	.57	3.82	.46	.767	.444
Vaidade/Arrogância	2.48	.63	2.61	.69	-1.037	.301
Solidão/Ansiedade Social	2.37	.54	2.40	.63	-.305	.761

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

Analizou-se as competências sociais, tendo em conta a estabilidade do agregado familiar e não se verificaram diferenças significativas.

Tabela 27 – Estilos de Vinculação e Estabilidade do Agregado

Estilos de Vinculação (IVIA)	Vive com este agregado à quanto tempo					
	Desde sempre		1 a 11 anos		T	Sig.
	M	DP	M	DP		
Seguro	31.61	6.27	29.68	5.04	1.634	.104
Ansioso/Ambivalente	23.06	8.54	22.91	6.27	.095	.924
Evitante	24.50	6.41	24.47	5.66	.025	.980

*p≤0.05 **p≤0.01 ***p≤0.001

Analizou-se os estilos de vinculação, tendo em conta a estabilidade do agregado familiar e não se verificaram diferenças significativas.

Tabela 28 – Temperamento e Estabilidade do Agregado

Temperamento (EAS)	Vive com este agregado à quanto tempo					
	Desde sempre		1 a 11 anos		t	Sig.
	M	DP	M	DP		
Timidez	14.00	3.45	14.94	2.60	-1.495	.136
Sociabilidade	20.53	3.45	20.10	3.63	.656	.513
Atividade	17.60	3.23	17.61	3.34	-.007	.995
Emocionalidade	12.13	3.96	12.43	2.79	-.403	.688

* $p \leq 0.05$ ** $p \leq 0.01$ *** $p \leq 0.001$

Analisou-se o temperamento, tendo em conta a estabilidade do agregado familiar e não se verificaram diferenças significativas.

3.2. Discussão dos Resultados

A presente investigação teve como objetivo principal verificar a relação existente entre os estilos de vinculação, o temperamento e as competências sociais na adolescência.

No que diz respeito, à primeira hipótese, era esperado a existência de uma correlação negativa entre a agressividade/comportamento antissocial e o estilo de vinculação seguro. Esta hipótese foi corroborada, foi observada uma correlação negativa significativa ($p \leq 0.01$) entre o estilo de vinculação seguro e agressividade. Conclui-se, que os adolescentes que têm um laço de vinculação seguro, com as suas figuras de referência, são menos agressivos. Contribuindo, desta forma para ausência défices nas competências sociais.

A segunda hipótese previa a existência de uma correlação negativa entre a solidão/ansiedade social e o estilo de vinculação seguro. Esta hipótese foi igualmente corroborada, o estilo de vinculação seguro correlacionou-se de forma negativa e significativa com a solidão/ansiedade social. A partir destes resultados é possível inferir que os adolescentes com vinculações seguras são menos propensos a apresentar solidão ou ansiedade social. Embora, a solidão e a ansiedade social sejam consideradas um comportamento típico desta fase de desenvolvimento. Como foi referido no enquadramento teórico, a ansiedade é normal na adolescência, desde que seja transitória e não impeditiva do bom funcionamento do adolescente (Silva, 2004). Sendo que a frequência da solidão na adolescência é referida por diversos autores (e.g. Schinka, Van Dulmen, Bossarte, & Swahn, 2012; Woodhouse & Dykas, 2012).

Os resultados observados a partir da testagem destas duas hipóteses, vão de encontro aos estudos de Melo e Duarte (2011) e de Deniz, Hamarta, e Ari (2005) que referiram a correlações negativas entre a agressividade/comportamento anti-social, solidão/ansiedade social e a vinculação segura. Logo, a vinculação segura é essencial para diminuir os défices nas competências sociais do adolescentes.

Relativamente à terceira hipótese, a existência de correlações negativas entre as competências sociais/assertividade e as vinculações inseguras: ansiosa/ambivalente e evitante, não foi comprovada. Os estilos de vinculação inseguros correlacionaram-se de forma positiva com as competências sociais/assertividade, todavia os valores apresentados não foram significativos. Estes dados são contrários aos do estudo de Kobak e Sceery (1988 cit. in Allen & Land, 1999) em que ausência das competências sociais foi associada a estilos de vinculação inseguros.

A quarta hipótese, referia-se à existência de correlações positivas entre solidão/ansiedade social e as vinculações inseguras: ansiosa/ambivalente e evitante. A hipótese apresentada foi corroborada os resultados demonstraram correlações positivas e significativas ($p \leq 0.01$) entre a solidão/ansiedade social e os estilos de vinculação inseguros (Bonetti, Campbell, e Gilmore, 2010).

Na quinta hipótese era esperado a existência de uma correlação positiva entre a agressividade/comportamento antissocial e a vinculações inseguras -ansiosa/ambivalente. Esta hipótese foi igualmente corroborada, mas não apresentou valores significativos. Considera-se que a vinculação insegura – ansiosa/ambivalente está relacionada com os comportamentos agressivos dos adolescentes (Melo & Duarte, 2011).

A quarta e quinta hipótese realçam o facto de os padrões inseguros serem pautados por problemas sociais em diversas áreas da vida (Cassidy, Kirsh, Scolton & Parke cit. in Allen & Land , 1999).

Na sexta hipótese era esperado a existência de correlações positivas entre a solidão/ansiedade social e a timidez. Esta hipótese foi comprovada, sendo esta correlação significativa ($p \leq 0.01$). Os adolescentes que tenham um temperamento tímido poderão experienciar a solidão/ansiedade social, tal como foi referido recentemente pelos investigadores Dykas e Cassidy (2012).

Na sétima hipótese era esperado que os estilos de vinculação estivessem correlacionados moderadamente com o temperamento. Esta hipótese foi corroborada os estilos de vinculação estão correlacionados moderadamente com algumas dimensões do temperamento. O estilo de vinculação seguro está correlacionado moderadamente com a timidez, sociabilidade e atividade. Sendo que com a timidez a relação é negativa. O estilos de vinculação inseguros, ansioso/ambivalente e evitante estão correlacionados moderadamente com a emocionalidade. Todas estas correlações são significativas ($p \leq 0.01$).

Estes resultados realçam a relação existente entre a vinculação e temperamento, existem efectivamente conexões específicas entre os seus dominios, que influenciam o desenvolvimento na adolescência (Bloom cit in Rettew & McKee, 2004; Salvaterra, 2007). A relação moderada entre as suas dimensões, reforça a s pesquisas de Vaughn e Bost (1999 cit. in Salvaterra, 2007).

Na oitava e última hipótese, previa-se a existência de diferenças significativas entre os sexos no que respeita às competências sociais e ao temperamento. Esta premissa veio a

constar-se. Na área das competências sociais o sexo masculino é significativamente mais agressivo e vaidoso, enquanto o sexo feminino é mais assertivo. Estes dados coincidem com o estudo de capacidades sociais em adolescentes brasileiros (Neto, 2012). Importa, referir que os dados obtidos nos adolescentes não foram significativos. No temperamento, os adolescentes do sexo feminino são significativamente mais emotivos ($p \leq 0.001$). Daniels, (1986) tinha verificado esta diferença entre sexos, todavia em população universitária.

A título exploratório foram estudadas diferenças entre grupos ao nível: das faixas etárias dos adolescentes; o ciclo de ensino em que estão inseridos; a existência ou não de irmãos; viverem ou não com os pais, pai, mãe; a estabilidade do agregado familiar.

A análise das variáveis em estudo por faixas etárias, permitiu concluir que ao nível dos estilos de vinculação os adolescentes mais velhos, com idades compreendidas entre os 14-18 são significativamente mais seguros dos que os mais novos, com idades compreendidas entre os 10 e 13 anos. Em relação às competências sociais e ao temperamento não se verificaram diferenças significativas.

Ao nível do ciclo de ensino, as alterações significativas registarem-se apenas nos estilos de vinculação os adolescentes que frequentam o 2º ciclo são simultaneamente mais seguros e inseguros – evitante.

A existência ou não de irmãos, viver ou não com os pais, viver ou não com a mãe e a estabilidade do agregado não influenciam as competências sociais, temperamento ou estilos de vinculação. A título de curiosidade, os adolescentes que residem com o pai são significativamente mais tímidos.

Os resultados obtidos a título exploratório poderão ser proveitosos para futuras investigações.

As principais limitações que condicionaram o desenvolvimento deste estudo prenderam-se com o facto de existirem poucos estudos científicos que relacionassem as variáveis, em todas as suas dimensões. A segunda limitação foi o facto de não existirem medidas validadas para a população portuguesa no que concerne ao temperamento e às competências sociais. Por este motivo, foram utilizadas traduções portuguesas, não validadas.

Em próximos estudos, sugere-se que se verifique as relações estabelecidas entre os estilos de vinculação, o temperamento e as competências sociais em populações de variadas nacionalidades e de contextos socioeconómicos diferenciados, com intuito de verificar as

diferenças entre estes contextos. Poderá ser benéfico, também, estudar as temáticas referidas separadamente.

Conclusão

O objetivo principal desta dissertação de mestrado foi verificar a relação existente entre os estilos de vinculação, o temperamento e as competências sociais.

Pode-se concluir que se consegui alcançar o objetivo, foi possível verificar as relações existentes entre todas as variáveis, contudo a partir da análise dos resultados conclui-se que a investigação deve ser mais focada. Isto quer dizer, que é necessário analisar primeiramente as variáveis dualmente, por exemplo competências sociais- temperamento e competências sociais- estilos de vinculação. Pois a temática abordada, é bastante abrangente e complexa.

Todavia, reconhece-se a pertinência desta dissertação. A identificação dos défices das competências sociais, assim como análise da sua relação com os estilos de vinculação e com o temperamento do adolescente. Na medida, em que a identificação de determinados défices nas competências sociais, assim como a sua associação aos estilos de vinculação e ao temperamento poderá ser uma fonte crescente de conhecimento no âmbito da psicologia clínica.

O fato do psicólogo de estar mais alerta para determinadas associações entre estilos de vinculação e os défices nas competências sociais, permite-lhe um diagnóstico mais completo e traçar um plano psicoterapêutico adequado ao temperamento do adolescente.

Este estudo académico forneceu, assim resultados científicos importantes no âmbito da intervenção clínica com adolescentes.

Estes resultados poderão no futuro servir de base para posteriores investigações no campo do desenvolvimento de competências sociais na adolescência.

Os resultados evidenciaram, o seguinte:

- Os estilos de vinculação segura são fatores protetores, no âmbito das competências sociais. Estando negativamente correlacionados com comportamentos agressivos e a solidão;
- Os estilos de vinculação inseguros são fatores de risco, estando associados a comportamentos de risco, tais como os agressivos.
- O temperamento tímido de determinados adolescentes poderá contribuir para a sua solidão;
- As competências sociais diferenciam-se consoante os sexos;
- A vinculação e o temperamento correlacionam-se moderadamente.

Em conclusão, nesta dissertação identificou-se a génese dos problemas sociais frequentemente detetados na adolescência, estudou-se a o início do desenvolvimento social,

ou seja, o vínculo dos filhos com as figuras de vinculação e o temperamento. Este último, que se mantém ao longo do desenvolvimento.

Bibliografia

- Ainsworth, M. (1967). *Infancy in Uganda: infant care and the growth of love*. Oxford : Johns Hopkins Press.
- Allen , J., & Land , D. (1999). Attachment in Adolescence. In J. Cassidy, & P. Shaver, *Handbook of Attachment - Theory, Research, and Clinical Applications*. The Guilford Press - New York London.
- Bandeira, M., Costa , M. N., Dell Prette, Z., Dell Prette, A., & Gerk-Carneiro, E. (2000). Qualidades psicométricas do Inventário de Habilidades Sociais (IHS): estudo sobre a estabilidade temporal e a validade concomitante. *Estudos de Psicologia*, 5, pp. 401-419.
- Barros, P., & Silva, F. B. (2006). Origem e manutenção do comportamento agressivo na infância e adolescência. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 2.
- Beauchamp , M. H., & Anderson, V. (2010). SOCIAL: An Integrative Framework for the Development of Social Skills. *Psychological Bulletin*, 136, pp. 39-64.
- Bénony, H. (2005). *O exame psicológico e clínico do adolescente*. Lisboa : Climepsi Editores.
- Bonetti, L., Campbell, M., & Gilmore, L. (2010). The Relationship of Loneliness and Social Anxiety with Children's and Adolescents' Online Communication. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*.
- Bretherton , I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, pp. 759-775.
- Carvalho, M. A. (2007). Vinculação, Temperamento e Processamento da Informação: Implicações nas Perturbações Emocionais e Comportamentais no início da Adolescência. *Tese de Douturamento - Área de conhecimento de Psicologia Clínica*. Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia .
- Cooley, E. L., Buren , A. V., & Cole , S. P. (2010). Attachment Styles, Social Skills, and Depression in College Women. *Journal of College Counseling*, 13.
- Crosby, R. A., Santelli, J. S., & DiClemente , R. J. (2009). Adolescents at Risk: A Generation in Jeopardy. In R. J. DiClemente, J. S. Santelli , & R. A. Crosby , *Adolescent Health - Understanding and Preventing Risk Behaviors*. San Francisco: Jossey-Bass.

- Daniels, D. (1986). Differential Experiences of Siblings in the Same Family as Predictors of Adolescent Sibling Personality Differences. *Personality Process and Individual Differences*, 51.
- Delaroche, P. (2006). *A adolescência - desafios clínicos e terapêuticos*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Dell Prette, A., & Dell Prette, Z. (2011). Enfoques e modelos do treinamento da habilidades sociais. In A. Dell Prette, & Z. Dell Prette, *Habilidades sociais: programas efetivas em grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Deniz , M. E., Hamarta, E., & Ari, R. (2005). An Investigation of Social Skills and Loneliness Levels of University Students with Respect to Their Attachment Styles in a Sample of Turkish Students. *Social Behavior and Personality*, 33, pp. 19-32.
- Eccles, J. S., Midgley, C., Wigfield, A., Buchanan, C. M., Reuman, D., Flanagan , C., & Iver, D. M. (February de 1993). The Impact of Stage-Environment Fit on Young Adolescents' Experiences in Schools and in Families. *Development During Adolescence*, 48, pp. 90-101.
- Fried , B., Teichman, M., & Rahav, G. (2010). Adolescent Gambling: Temperament, Sense of Coherence and exposure to advertising . *Addiction, Research and Theory* , pp. 586-598.
- Ganiban, J. M., Saudino, K. J., Ulbricht, J., Neiderhiser, J. M., & Reiss, D. (2008). Stability and Change in Temperament During Adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 95, pp. 222-236.
- Gasman, I., Purper-Ouakil, D., Michel, G., Mouren-Siméoni, M.-C., Bouvard, M., Perez-Diaz, F., & Jouvent, R. (2002). Cross-cultural assessment of childhood temperament - A confirmatory factor analysis of French Emotionality Activity and Sociability (EAS) Questionnaire. *European Child & Adolescent Psychiatry*, pp. 101-107.
- Gleitman , H., Fridlund , A. J., & Reisberg, D. (2007). *Psicologia* (7º ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbeinkian.
- Goldsmith, H. H., Buss, A. H., Plomin, R., Rothbart, M. K., Chess, S., Thomas, A., . . . McCall, R. B. (1987). Roundtable: What Is Temperament? *Child Development*, pp. 505-529.
- Guedeney , N. (2004). Conceitos-Chave da Teoria da Vinculação. In N. Guedeney , & A. Guedeney, *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi Editores.

- Hair, E. C., Jager, J., & Garrett, S. B. (July de 2002). Helping Teens Develop Healthy Social Skills and Relationships: What the Research Shows about Navigating Adolescence. *Child Trends - Research Brief*.
- Horta, M. S. (2005). Intervenção com adolescentes em risco. *Análise Psicológica, I*, pp. 27-31.
- Johnson, M. K., Crosnoe, R., & Elder, G. H. (2011). Insights on Adolescence From a Life Course Perspective. *Journal of Research on Adolescence*, pp. 273-280.
- Levitan, M., Rangé, B., & Nardi, A. (2008). Habilidades Sociais na Agorafobia e Fobia Social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24*, pp. 095-100.
- Loureiro, C. (2011). Treino de Competências Sociais - uma estratégia em saúde mental: conceptualização e modelos teóricos. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*.
- Main, M. (1999). Mary D. Salter Ainsworth: Tribute and Portrait. *Psychoanalytic Inquiry, 19*, pp. 682-776.
- Matson, J. L., Neal, D., Fodstad, J. C., Hess, J. A., Mahan, S., & Rivet, T. T. (2010). Reliability and Validity of the Matson Evaluation of Social Skills With Youngsters. *Behavior Modification, 6*, pp. 539-558.
- Melo, M., & Duarte, M. (2011). Comportamentos agressivos entre pares e padrões de vinculação: um estudo com jovens adolescentes. *Revista Amazônica, VI*, pp. 7-26.
- Neto, R. G. (2012). As relações sociais entre estudantes brasileiros do ensino médio: um olhar a partir das habilidades sociais. *Dissertação de Mestrado*. Campinas, Brasil: Universidade Estadual de Campinas- Faculdade de Educação.
- Pacheco, J., Teixeira, M., & Gomes, W. (1999). Estilos Parentais e Desenvolvimento de Habilidades Sociais na Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 15*, pp. 117-126.
- Peets, K., & Kikas, E. (2006). Aggressive Strategies and Victimization During Adolescence: Grade and Gender Differences, and Cross-Informant Agreement. *Aggressive Behavior*, pp. 68-79.
- Pervin, L. A., & John, O. P. (2004). *Personalidade - teoria e pesquisa*. Porto Alegre: Artmed.
- Remédios, C. I. (2010). O Bem-Estar Psicológico e as Competências Pessoais e Sociais na Adolescência. *Mestrado Integrado em Psicologia*. Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia.

- Rettew, D. C., & McKee, L. (2004). Temperament and Its Role in Developmental Psychopathology. *Harv Rev Psychiatry*.
- Ribeiro, J. P., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise Psicológica*, pp. 67-75.
- S., S., Dykas, M., & Cassidy, J. (2012). Loneliness and Peer Relations in Adolescence. *Social Development*, 21.
- Salvaterra, M. F. (2007). Vinculação e Adopção. *Dissertação de Doutoramento Em Psicologia Aplicada*. Lisboa: Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Sampaio, D. A. (2010). Imagem Corporal e Excesso de Peso em Adolescentes. *Mestrado em Biologia Humana e Ambiente*. Lisboa, Lisboa, Portugal: Universidade de Lisboa - Faculdade de Ciências.
- Schinka, K. C., Van Dulmen, M. H., Bossarte, R., & Swahn, M. (2012). Association Between Loneliness and Suicidality During Middle Childhood and Adolescence: Longitudinal Effects and the Role of Demographic Characteristics. *The Journal of Psychology*, pp. 105-118.
- Silva, A. M. (2004). *Desenvolvimento de Competências Sociais nos Adolescentes*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Soares, I. (1996). *Representação da Vinculação na Idade Adulta e na Adolescência*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho.
- Thornburg, H. (2001). Is Early Adolescence Really a Stage of Development? *Theory Into Practice*, XXI.
- Trianes, M. V., Blanca, M. J., Muñoz, A., García, B., Cardelle-Elawar, M., & Infante, L. (2002). Relaciones entre evaluadores de la competencia social en preadolescentes: Profesores, iguales y autoinformes. *Anales de psicología*, 18, pp. 197-214.
- Wagner, M. F., & Oliveira, M. d. (2007). Habilidades Sociais e Abuso de Drogas em Adolescentes. *Psicologia Clínica*, 19, pp. 101-116.
- WHO. (2013). *Maternal, newborn, child and adolescent health*. Obtido de WHO - World Health Organization:
http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/dev/en/index.html

- Wills, T. A., DuHamel, K., & Vaccaro, D. (1995). Activity and Mood Temperament as Predictors of Adolescent Substance Use: Test of a Self-Regulation Mediational Model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, pp. 901-916.
- Woodhouse, S. S., & Dykas, M. J. (2012). Loneliness and Peer Relations in Adolescence. *Social Development*.
- Zeanah, C., & Fox, N. (2004). Temperament and Attachment Disorders. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology* .

ANEXOS

ANEXO 1

Protocolo de avaliação

Anexo 1

Estamos a realizar um estudo académico sobre a socialização dos jovens e necessitamos da tua colaboração no preenchimento do questionário que se segue. Este questionário é anónimo e a tua colaboração é totalmente voluntária.

Pedimos que respondas as todas as questões apresentadas, não existem respostas certas ou erradas, queremos apenas saber a tua opinião.

Lê com cuidado cada uma das afirmações do questionário e responde indicando o teu grau de acordo com cada afirmação, não deixes nenhuma resposta em branco.

Obrigado pela tua atenção e cooperação!

Idade ____ anos	Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino
Em que ano andas? ☐ 5º ano ☐ 6º ano ☐ 7º ano ☐ 8º ano ☐ 9º ano	
Tens irmãos? ☐ Não ☐ Sim. Quantos? _____	És o irmão? ☐ Gémeo ☐ Mais velho ☐ Do meio ☐ Mais Novo
Com quem vives lá em casa? (podes assinalar mais que uma opção) ☐ Pais ☐ Mãe ☐ Pai ☐ Avós ☐ Avó ☐ Avô ☐ Irmãos ☐ Padrasto ☐ Madrasta ☐ Tios ☐ Primos ☐ Outros. Quem? _____	
Vives com estas pessoas há quanto tempo? ☐ Desde sempre ☐ Há mais de 1 ano. Quantos anos? _____ ☐ Há menos de 1 ano	

MESSY – J.L. Matson, A.F. Rotatori & W.J. Helsel, 1983

Tradução – J.B. Rosa, M. Rego & M. Carvalho (2003)

De seguida encontra-se uma lista de comportamentos ou pensamentos que por vezes os jovens têm. Assinala, se costumavas ter muitas vezes estes comportamentos ou sentimentos, colocando uma cruz (X) no número que é mais parecido contigo:

1	2	3	4	5
Nunca	Algumas vezes	Mais ou menos	Muitas vezes	Sempre

1	Faço as outras pessoas rir	1	2	3	4	5
2	Ameaço as pessoas e comporto-me de forma agressiva	1	2	3	4	5
3	Zango-me facilmente	1	2	3	4	5
4	Sou “mandão” (em vez de perguntar mando as pessoas fazer coisas)	1	2	3	4	5
5	Queixo-me frequentemente	1	2	3	4	5
6	Falo (interrompo) quando outra pessoa está a falar	1	2	3	4	5
7	Levo ou uso coisas que não são minhas sem permissão	1	2	3	4	5
8	Gabo-me de mim próprio	1	2	3	4	5
9	Olho para as pessoas quando falo com elas	1	2	3	4	5
10	Tenho muitos amigos	1	2	3	4	5
11	Bato nas pessoas quando me irrita	1	2	3	4	5
12	Ajudar um amigo que esteja magoado	1	2	3	4	5
13	Animo um amigo que está triste	1	2	3	4	5
14	Faço olhares zangados para as outras crianças	1	2	3	4	5
15	Sinto-me zangado ou com ciúmes quando alguém tem sucesso	1	2	3	4	5
16	Sinto-me contente quando alguém tem sucesso	1	2	3	4	5
17	Chamo a atenção para os erros ou defeitos das outras crianças	1	2	3	4	5
18	Quero sempre ser o primeiro	1	2	3	4	5
19	Não cumpro as promessas	1	2	3	4	5
20	Digo às pessoas que estão bonitas	1	2	3	4	5
21	Minto para conseguir alguma coisa que quero	1	2	3	4	5
22	“Chateio” as pessoas para que fiquem zangadas	1	2	3	4	5
23	Aproximo-me das pessoas e inicio uma conversa	1	2	3	4	5
24	Digo “muito obrigado” e fico contente quando alguém me faz um favor	1	2	3	4	5
25	Gosto de estar sozinho	1	2	3	4	5
26	Tenho medo de falar com as pessoas	1	2	3	4	5
27	Guardo bem os segredos	1	2	3	4	5
28	Sei como fazer amigos	1	2	3	4	5

1	2	3	4	5			
Nunca	Algumas vezes	Mais ou menos	Muitas vezes	Sempre			
29	Magoo as outras pessoas de propósito (tento que fiquem tristes)		1	2	3	4	5
30	Gozo com as outras pessoas		1	2	3	4	5
31	Defendo os meus amigos		1	2	3	4	5
32	Olho para as pessoas quando estão a falar		1	2	3	4	5
33	Penso que sei tudo		1	2	3	4	5
34	Partilho o que tenho com os outros		1	2	3	4	5
35	Sou teimoso		1	2	3	4	5
36	Comporto-me como se fosse melhor que os outros		1	2	3	4	5
37	Mostro os meus sentimentos		1	2	3	4	5
38	Mesmo quando não estão a gozar comigo, penso que estão		1	2	3	4	5
39	Faço barulhos que irritam os outros		1	2	3	4	5
40	Cuido dos pertences dos outros como se fossem meus		1	2	3	4	5
41	Falo muito alto		1	2	3	4	5
42	Chamo as pessoas pelos seus nomes		1	2	3	4	5
43	Pergunto se posso ajudar		1	2	3	4	5
44	Sinto-me bem se ajudar alguém		1	2	3	4	5
45	Tento ser o melhor		1	2	3	4	5
46	Quando falo com outras pessoas, faço perguntas		1	2	3	4	5
47	Vejo muitas vezes os meus amigos		1	2	3	4	5
48	Brinco sozinho		1	2	3	4	5
49	Sinto-me só		1	2	3	4	5
50	Sinto-me arrependido quando faço mal a alguém		1	2	3	4	5
51	Gosto de ser o líder		1	2	3	4	5
52	Junto-me às outras crianças nos seus jogos		1	2	3	4	5
53	Entro em muitas brigas		1	2	3	4	5
54	Tenho ciúmes dos outros		1	2	3	4	5
55	Sou simpático para as pessoas que são simpáticas para mim		1	2	3	4	5
56	Pergunto às outras pessoas como estão e como têm passado		1	2	3	4	5
57	Fico muito tempo com as outras pessoas		1	2	3	4	5
58	Explico as coisas mais do que necessário		1	2	3	4	5
59	Rio-me das piadas e histórias engraçadas que as pessoas contam		1	2	3	4	5
60	Penso que ganhar é muito importante		1	2	3	4	5
61	Magoo os outros quando gozo com eles		1	2	3	4	5
62	Quero-me vingar de quem me magoa		1	2	3	4	5

EAS: A. H. Buss & R. Plomin, 1984.
Tradução- F. Lory & A. Baptista, 1998

As afirmações que se seguem descrevem o modo como algumas crianças ou adolescentes se podem comportar. Pensa no teu caso e, para cada uma das frases que se seguem, assinala com uma cruz (X) em cima de um dos números a resposta que melhor caracteriza o teu comportamento. Utilize a escala de 1 a 5 para avaliar até que ponto cada frase caracteriza o seu comportamento:

1	2	3	4	5
Não caracteriza nada	Caracteriza pouco	Caracteriza mais ou menos	Caracteriza bem	Caracteriza muito bem

1	Costumo ser tímido(a)	1	2	3	4	5
2	Choro com facilidade	1	2	3	4	5
3	Gosto de estar com pessoas	1	2	3	4	5
4	Estou sempre pronto(a) para fazer qualquer coisa	1	2	3	4	5
5	Prefiro brincar com os outros do que estar só	1	2	3	4	5
6	Costumo ser emotivo(a)	1	2	3	4	5
7	Normalmente, quando me movimento faço-o de um modo lento	1	2	3	4	5
8	Tenho facilidade em fazer amigos	1	2	3	4	5
9	Fico activo(a) logo que acordo de manhã	1	2	3	4	5
10	Prefiro estar com pessoas do que entregar-me a outras actividades	1	2	3	4	5
11	Fico perturbado(a) e choro frequentemente	1	2	3	4	5
12	Sou muito sociável	1	2	3	4	5
13	Sou muito enérgico(a)	1	2	3	4	5
14	Demoro muito tempo até me sentir à vontade com pessoas estranhas	1	2	3	4	5
15	Fico perturbado(a) com facilidade	1	2	3	4	5
16	Sou isolado(a)	1	2	3	4	5
17	Prefiro as brincadeiras calmas e sossegadas às brincadeiras mais activas	1	2	3	4	5
18	Ando só e isolado(a)	1	2	3	4	5

19	Reajo de modo intenso quando fico perturbado(a)	1	2	3	4	5
20	Sou muito amigoso(a) com pessoas estranhas	1	2	3	4	5

IVIA – M.Carvalho, I.Soares & A. Baptista, 2007

Seguidamente vais encontrar um conjunto de afirmações que descrevem características que as pessoas podem apresentar. Lê cada uma delas e assinala com uma cruz (X) o número que melhor te descreve, utilizando a seguinte escala:

1	2	3	4	5
Nunca	Algumas vezes	Muitas vezes	Quase sempre	Sempre

1	Preocupo-me se tiver que depender de outras pessoas	1	2	3	4	5
2	É difícil confiar totalmente nas outras pessoas	1	2	3	4	5
3	Preocupo-me com a possibilidade de ser abandonado/a	1	2	3	4	5
4	Gosto de me sentir próximo/a das outras pessoas	1	2	3	4	5
5	Preocupo-me com a possibilidade de ficar sozinho/a	1	2	3	4	5
6	É bom estar próximo/a de outras pessoas	1	2	3	4	5
7	Preocupo-me com a possibilidade de não ser aceite pelas outras pessoas	1	2	3	4	5
8	Prefiro não mostrar os meus sentimentos	1	2	3	4	5
9	Preocupo-me com a possibilidade de as outras pessoas não gostarem de mim	1	2	3	4	5
10	As outras pessoas podem contar comigo quando me pedem ajuda	1	2	3	4	5
11	Sei que as outras pessoas estarão presentes quando eu necessitar delas	1	2	3	4	5
12	Sinto que posso contar com os outros quando necessitar	1	2	3	4	5
13	Preocupo-me que os meus amigos não queiram estar comigo	1	2	3	4	5
14	Para mim, é muito importante sentir-me independente	1	2	3	4	5
15	Prefiro não depender das outras pessoas	1	2	3	4	5
16	Prefiro que as outras pessoas não dependam de mim	1	2	3	4	5
17	Quando me sinto desconfortável, mantenho as outras pessoas à distância	1	2	3	4	5
18	Não gosto de contar às outras pessoas o que penso e sinto	1	2	3	4	5
19	Preocupo-me por poder não impressionar os outros	1	2	3	4	5
20	Acredito que as outras pessoas me rejeitam se eu me comportar mal	1	2	3	4	5
21	Respeito os sentimentos das outras pessoas	1	2	3	4	5

22	Posso contar com os meus amigos quando é necessário	1	2	3	4	5
23	As outras pessoas aceitam-me tal como sou	1	2	3	4	5
24	Pergunto-me se os meus amigos gostam realmente de mim	1	2	3	4	5